

Organizadoras

Daniervelin Pereira

Geisa Batista

Memorial de leituras II



Fale/UFMG

Belo Horizonte

2024

Diretora da Faculdade de Letras

Sueli Maria Coelho

Vice-Diretora

Georg Otte

Coordenação editorial e administrativa

Emilia Mendes

Comissão editorial

Carolina Fenati

Elisa Amorim Vieira

Emilia Mendes

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida Seabra

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

(Mangá Ilustração e Design Gráfico)

Preparação de originais

Beatriz Cristeli do Vale

Diagramação

Renan Souza Lacerda

Kevin Augusto Costa

Revisão de provas

Gabriel Motta

Izabela Nazário

Beatriz Cristeli do Vale

Alex Mendes

Ana Rafaela de Sena

ISBN

978-65-87237-78-7 (digital)

978-65-87237-77-0 (impresso)

Endereço para correspondência

Labed – Editora laboratório

Fale/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627

sala 4083

31270-901

Belo Horizonte/MG

e-mail: originais.labed@gmail.com

<https://labed-letras-ufmg.com.br/>

Instagram: [@labed_ufmg](https://www.instagram.com/labed_ufmg)

Sumário

- 7 Apresentação**
- 09 Espiando, além do véu**
Iago Oliveira Ramos Borges Baptista
- 13 O maior “superpoder” dos livros**
Belle Andrade
- 15 Não entre na biblioteca**
Carlo Frederico de Souza Ferrara Marcolino
- 19 Percebendo histórias**
Cassiano Ambrozio Costa
- 21 Memorial de leitura**
Mariana Evangelista Soares
- 25 Até o apagar da velha chama**
Millene Gonzaga Bello
- 27 Processo de alfabetização e letramento de uma
caloura em Letras**
Lara Luiza de Oliveira
- 31 Memorial**
Dominique Alves Damacena
- 33 Truques de elucidação e outras maneiras de
lembrar**
Yuri Ferreira Fonseca
- 37 Memorial estudantil**
Paulo Ronaldo Cordeiro Moreira

- 45 Apenas uma coleção de memórias**
Mariliz Vasconcelos de Souza Cordeiro
- 51 Memorial acadêmico: a trajetória de
alfabetização de uma aluna universitária**
Ingrid Lorrane Gonçalves da Silva
- 54 Você (Não) pode parar de sonhar**
Michel Jackson da Silva
- 61 Achados da leitora solitária**
Patiele Lorraine Pádua Ferreira
- 65 Memorial**
Victória Caroline Soares Silva
- 67 Memorial de leituras**
Matheus Gomes Guerra
- 69 Retratos de um colibri: uma vazia cheia de não-
lembranças**
Júlia Gonçalves Lima
- 75 Memorial**
Filipe Penasso Goncalves
- 79 Memorial**
Ana Clara Martins da Silva
- 83 Memorial**
Gabriel Lucas Araujo de Jesus
- 85 Memorial: minha jornada de aprendizagem da
leitura da palavra e do mundo**
Samuel Sávio Martins Gomes
- 87 Memorial**
Paola Vitor Rodrigues
- 91 Memorial de leitura**
Giovanna Julia Alves Melo
- 93 No fim, um começo**
Welt
- 95 Memorial**
Samantha Amorim Cota

99 As cores da leitura

Ana Vitória de Brito Souza

101 Memorial

Angelina Solange Silva de Oliveira

105 Sobre os autores

Apresentação

Ao introduzir o conceito de “letramento” na formação inicial dos graduandos no curso de Letras (Fale) da UFMG, não podíamos deixar de lado uma importante referência para as reflexões sobre a questão: “A importância do ato de ler”, de Paulo Freire, ainda que ele não tenha utilizado tal termo em sua obra. Com ela, foi possível perceber que, mais do que a leitura da palavra e a leitura do mundo, ricas são as experiências da “palavra-mundo”, quando se consegue articular produtivamente experiências do mundo e experiências de alfabetização.

Da experiência da leitura de referência, tecida a partir das próprias memórias de Freire, surge a proposta do segundo volume de memoriais. O passado já foi, o futuro ainda não é. Só o presente existe, nos diz Heidegger, em *O conceito do tempo*. Contudo, antes dele, somos agraçados pelo tempo interno, que nos é revelado por Agostinho no capítulo XI de seu *Confissões*: a memória é o tempo passado em nossa alma. Lembrar não é outra coisa, senão, fazer do passado presente em nossa alma, ludibriar a linearidade do tempo.

Como revisitação ao passado e às relações de cada autor com o ato de ler, apreciadas pelo olhar presente, crítico, reflexivo, dos agora graduandos da Faculdade de Letras, o memorial apresenta vivências ressignificadas pela experimentação da “palavramundo”. Redigidos como vozes individuais, nestas páginas há relatos que, juntos aos do primeiro volume, compõem um conjunto panorâmico da trajetória de uma coletividade.

Sobre as relações estabelecidas socialmente, a escola, o papel docente, o currículo do ensino médio e a preparação para o exame nacional (Enem), envolvendo a subjetividade da leitura e da escrita como refúgio e libertação, há neste trabalho não apenas um registro privilegiado do que já foi, como também um rico material para futuras pesquisas em Letras, Pedagogia, Ciências Sociais e áreas afins. Esclarecemos, por fim, que aos autores foi dada a opção de usar pseudônimo para seus memoriais quando assim desejaram.

Daniervelin Pereira

Geisa Batista

Espiando, além do véu

Iago Oliveira Ramos Borges Baptista

Há sempre um “véu” que obscurece o entendimento quando me presto a relembra minha infância. Não só a dubiedade inevitável da memória auxilia o “véu” a esconder os segredos da minha origem, como eu, bem novinho, acidentalmente afoguei minha realidade em magia. Não é incomum me perceber questionando se uma memória relativamente recente de fato ocorreu, se confundiu com outras, ou simplesmente não passa de pura invenção. É evidente para mim que passo tanto tempo lembrando que, quando falta lembrança, trato de inventar. Esse costume meu de escrever minha realidade não é recente, é algo tão natural para mim que me recordar dos meus primeiros anos é recordar sobre invenções; curiosamente, comecei a inventar num período muito próximo em que comecei a perceber o mundo, que comecei a descrevê-lo.

É especialmente complicado criar uma cronologia da minha educação de forma concreta e compreensível. Minhas memórias mais sólidas sobre livros começam aos onze anos de idade. Outras pessoas de minha geração podem se identificar com a influência ferrenha que o mercado editorial estrangeiro exerceu na nossa formação; livros infanto-juvenis que pintavam universos fantásticos moldaram nossas criações e, inversamente, expressavam nosso potencial criativo. Eram mundos que já havíamos criado de certa forma, se comunicavam conosco de uma forma tão íntima que relegar o seu efeito sobre nós ao simples fato de crianças gostarem de fantasia seria simplificar demais as coisas. Entretanto, já estou

me adiantando em demasia nesse meu processo de aprendizagem. Preciso voltar um pouco mais.

Lembrar de livros em específico que me foram lidos antes de eu obter a iniciativa de buscá-los por conta própria é uma tarefa árdua. Revirar os escombros do meu jardim de infância numa expedição tortuosa, apesar de excitante, me parece pouco eficiente. Outra abordagem, mais intuitiva, seria analisar os efeitos que tais livros surtiram em mim, que ecoam até hoje. No emaranhado de contos de ninar, histórias curtas, mitologia, versos bíblicos e folclore que formam a tapeçaria da minha base cultural, uma linha que une todos eles é o entendimento da minha realidade como algo duplo. Real e fictício, mágico e científico, sagrado e blasfemo. Eu me aventurava em coisas que eram do universo propriamente infantil com vontade, mas a possibilidade de algo não destinado pra mim sempre me empolgava. Acredito que é daí que vem meu gosto por histórias, especialmente as mais subversivas. Eu não me lembro de fazer distinções muito claras do que era apropriado ou não para se consumir como uma criança, a ponto de me recordar de situações de certo choque cultural com meus colegas, não por eu não estar consciente do que uma criança gostava na época, mas as coisas que eu buscava como entretenimento flertavam com uma esfera criativa um pouco mais complexa.

Eu espero não engrandecer demais essa minha versão infantil. Eu não era especialmente inteligente, criativo e curioso para minha idade. Lembro-me de ser uma criança extremamente impressionável, não havia muito que não me desse medo, mas era minha relação com o medo que me fazia sentir um pouco diferente. Eu tinha medo do escuro, mas não conseguia não pensar sobre ele o tempo todo, era quase um jogo; o reconhecimento que algo era ficcional, que o medo era irracional, mas a excitação de me permitir ser afetado por ele era impossível de ignorar. Isso tudo criou a base da forma que entendo o mundo, que me expresso. Devo agradecimentos aos meus pais especialmente, que não me negaram muitos acessos à cultura e à arte “acima do meu nível”, tudo dentro do razoável, claro.

Acerca da leitura, eu não sei dizer com especificidade em que momento decidi querer ler, e ler assiduamente. Talvez não tenha muita explicação lógica. Não saberia dizer se me perguntassem, apenas aconteceu. É possível que a “ignição” do meu hábito de leitura já estava em

processo muito antes de me aventurar por uma livraria em um *shopping* center, em busca de um desafio; uma grande trama arquitetada por meus professores e responsáveis desde que mal sabia escrever frases completas. Gosto de pensar por essa lente, pois a leitura me pegou de surpresa. Consumia livros de centenas de páginas com um fervor e disposição que, honestamente, me faltam atualmente. Havia autores articulando fantasias tão similares às minhas que ler não parecia um desafio, era quase natural. A partir disso, o que vinha a seguir parecia inevitável: não iria me livrar de invenções nem se quisesse.

Por mais difícil que seja apresentar uma bibliografia precisa e organizada do que consumi, é fácil entender seus efeitos, e segui-los de volta para minha infância, percebendo minhas influências e traçando-as até o presente. Eu percebo a escrita como uma forma de organizar a realidade, de domar ideias que, inicialmente, são caóticas, e apresentá-las de forma estruturada. Não é coincidência que me tornei uma pessoa mais autoconsciente quando comecei a escrever. Uma vez que são dadas as ferramentas para domar ideias, é impossível não observar o mundo pelo viés delas. Retornar a um período de minha vida em que as ferramentas ainda não me foram apresentadas é sempre uma experiência amedrontadora, mas eu aprendi a me aproveitar do medo há muito tempo. Espero que na próxima vez que me prestarei a me aventurar pelo “véu” em minhas memórias, ainda mais equipado, seja capaz de revirar ainda mais segredos, e enquanto não lembro, invento, como faço desde sempre.

O maior “superpoder” dos livros

Belle Andrade

Eu tinha seis anos quando li sozinha o meu primeiro livro, que era de uma coleção infantil que minha escola obrigou a ler. Mas, muito antes disso, já era fascinada por livros e seus “superpoderes”. Tenho lembranças de correr atrás da minha mãe várias e várias vezes para ela ler os mesmos três livros de sempre. O resultado disso... depois de tantas vezes escutando as mesmas palavras, foi que eu decorei cada palavra desses livros. Então, comecei a ir atrás da minha mãe para eu poder contar as histórias dos mesmos três livros. Eu era doida para ter seis anos, “ser supergrande” e conseguir ler e escrever. Então, quando eu li sozinha o meu primeiro livro com seis anos, foi como um sonho realizado. Li vários e vários livros e ganhei todas as competições relacionadas a isso na minha antiga escola, que sempre incentivou muito a leitura.

Eu já tinha onze anos, mas não lia uma palavra sequer, nem que me obrigassem. Isso porque mudei de escola e descobri que algumas pessoas tirariam sarro de mim por gostar de ler e ser esforçada nos estudos. Como consequência, eu parei de ler todo e qualquer livro. Lembro que tinha livros obrigatórios na escola, esses eu lia, mas sempre mentia para meus colegas dizendo que não li nenhum. Foi também nessa época que ganhei de aniversário, de um amigo da minha família, um livro, *Matilda*, de Roald Dahl. Eu achei uma brincadeira de mal gosto do destino comigo. Por isso, demorei tanto para lê-lo e guardei no fundo do armário, para nem ter a tentação de ler. Mas isso só durou alguns meses porque logo minha mãe mandou que eu arrumasse o armário e encontrei o livro.

Dessa vez eu estava de férias, não teria problema eu ler e não contar para ninguém, certo? Pois bem, foi isso que fiz. Terminei o livro em pouco tempo e fiquei com vontade de ler mais e mais. Porém, as aulas voltaram antes que eu fosse capaz de prosseguir com meu “vício” recuperado.

Com doze anos, mesmo com a leitura clandestina que eu tinha, continuava a sofrer *bullying*. Eu descobri a palavra para as “zoaças” do ano anterior, a palavra era essa... *bullying*. Bom, me privar da leitura não fez com que isso parasse; então, comecei a deixar de me preocupar com a leitura ser algo secreto. Assim, como a personagem principal do livro que li, Matilda, comecei a usar a leitura como refúgio e maneira eficaz de fugir da realidade. Foi nesse ano que conheci uma professora de português que mudou minha vida e, por causa dela, entrei para um clube do livro. Foi desse modo que aprofundei ainda mais na leitura e testei gêneros diferentes como aventura, ficção científica e clássicos. Demorou para o *bullying* não ser mais um problema na minha vida escolar e, quando isso aconteceu, não mudou em nada a minha relação com a leitura. Comecei a fazer amigos e agora eu falava disso com eles, pessoas que não tinham o hábito da leitura. Era minha chance, e foi aí que comecei a espalhar e contagiar os outros com essa “mania de leitura”.

O amor pela leitura é algo contagiante, até mais que gripe ou covid; eu descobri isso com o passar do tempo. Em um piscar de olhos eu já havia contagiado todos os poucos amigos que eu tinha e queria fazer isso cada vez mais. Então, no ensino médio, veio a decisão de cursar Letras e tentar disseminar a leitura na vida de outras pessoas por meio da educação ou, quem sabe, escrita. Quero fazer por outras pessoas o que aquela professora de português fez por mim, quero dar livros de presente e quero ler para despertar o interesse e o fascínio nos livros. Eu quero ser capaz de salvar alguém com a “mania de leitura”, assim como eu fui salva. Resumindo, meu amor pela leitura foi desenvolvido com o tempo, foi cultivado, regado e agora quer dar frutos. A leitura está no meu passado com muita força, o presente só existe por causa da leitura e tenho certeza de que o meu futuro está recheado de livros e histórias ainda não lidas. O amor e fascínio por livros é algo que só tem início e meio, nunca chega ao fim. É esse o maior “superpoder” dos livros.

Não entre na biblioteca

Carlo Frederico de Souza Ferrara Marcolino

Estranho. Esquisito. Lerdo. Desajeitado. Antissocial. Problemático. Gay. Se você fosse um menino nos anos 80 e não gostasse de futebol, provavelmente seria por um desses adjetivos que você seria definido pelos seus colegas de escola. Talvez até pelos professores, por seus tios, primos e pelos próprios pais. Não demonstrar gosto pelo esporte, “paixão nacional”, e não participar das partidas organizadas pelos colegas no horário do recreio era um ato de suprema heresia e esse pecado se tornava ainda maior e vergonhoso caso você fosse aluno de uma escola pública, de um bairro de classe média de Belo Horizonte. Não se falava ainda de *bullying* e o politicamente incorreto corria solto.

Nesse contexto, a minha total inaptidão e falta de gosto para o futebol foram o meu maior estigma na primeira fase da vida escolar. Em 1984, eu tinha nove anos e estava na chamada terceira série primária. Minha professora, certa de que iria agradar os meninos da turma, decidiu organizar partidas semanais de futebol, como retribuição pelo bom comportamento de seus pupilos. Essa decisão foi muito bem recebida pelos colegas e a popularidade da professora foi às alturas. Para minha tristeza, nenhuma outra opção de recompensa foi dada e, ainda que assim fosse, eu seria uma voz isolada, pois certamente eu era o único ali que não gostava de uma boa pelada. Como a minha inabilidade para a bola era evidente, a professora teve o bom senso de não me obrigar a participar, permitindo que durante os jogos eu fizesse “o que quisesse”, tentando disfarçar um sorriso irônico, que até hoje guardo na memória.

Para não expor a dor de um sentimento de deslocamento que, naquela fase da vida, parecia-me gigantesco, maldito e incontornável, eu precisava me ocupar longe do pátio. A situação era por demais humilhante, pois eu certamente me converteria em motivo de escárnio entre os colegas, e os quinze minutos de intervalo me pareciam uma eternidade. Vagar pelo pátio pouco me ajudaria e ficar sentado às mesas vazias da cantina aumentaria a sensação de solidão. Eu me via fadado a um isolamento doloroso, contra o qual eu pouco poderia lutar.

Até que um dia tudo isso mudou. Resolvi me refugiar na biblioteca. Enquanto os meninos, em êxtase, corriam atrás da bola, eu, acompanhado de uma grande maçã argentina, envolta em um inesquecível papel roxo, vagava entre estantes repletas de livros, revistas e de uma austera *Enciclopédia Barsa*. Tudo ali despertava a minha curiosidade. Eu estava diante de um universo novo, com múltiplas possibilidades de entretenimento. Lembro-me do forte cheiro de livros, do silêncio da sala, entrecortado pelos gritos distantes dos colegas, que comemoravam gols que nada me diziam.

Em uma dessas incursões, deparei-me com o setor de quadrinhos, em que havia a coleção completa da Mafalda, a intrépida personagem criada pelo cartunista argentino Quino. A escola era pública, mas a biblioteca era de um primor absoluto e recebia todo tipo de livro. Lembro-me de que esses livros ficavam em um canto próximo à janela, um pouco escondido. As capas coloridas me chamaram a atenção. Tirei um livro para ver. Sentei-me à mesa, mastigando aquela maçã que sempre me pareceu insossa e sem graça. Quem seria aquela menina? Que turma era aquela que tinha “ares” de *Turma da Mônica*, mas que tratava de temas tão instigantes e tão adultos. Alguns assuntos ali me pareciam difíceis, mas eu me recordo de que percebi de que naquelas tirinhas havia algo de especial. Mafalda interagia de forma irônica e inteligente com seus pais, conversava com o globo terrestre, instigava os amigos a refletirem sobre diversas questões. Era observadora e, como eu, gostava de ler.

Fui tomado de um enorme encantamento por aqueles livrinhos. Lembro-me de suas cores, dos números de série que apareciam em suas capas. Eram pequenos, fáceis de manusear e pareciam, até então, intocáveis. O recreio, que antes era motivo de isolamento e tristeza, passou a ser meu horário de encontro com Mafalda. Eu me entregava inteiramente

àquela leitura. A maçã sempre presente era devorada com mais gosto e eu ria baixinho das histórias daquela menina cabeçuda, que até hoje me encanta. Mafalda era meu segredo, meu bote salva-vidas, minha amiga consoladora dos recreios solitários. O antídoto para as famigeradas partidas de futebol, das quais nunca participei.

Meus contatos com aqueles livros eram marcados de uma alegria imensa, porém silenciosa. Eu não precisava de mais nada. Esperava pelo dia seguinte para poder voltar àqueles livrinhos coloridos no mesmo horário. Eu já era fã e leitor de histórias em quadrinhos, mas as histórias da Mafalda tinham um sabor diferente. Elas me apresentavam às tirinhas, narrativas diferentes das histórias mais longas da Mônica e do Cebolinha, que eu sempre lia. Como eu também gostava de desenhar, eu me perdia também no traço inusitado de Quino, no seu desenho bem-acabado e cheio de vida.

Quando eu já começava a sentir uma certa paz de espírito naqueles recreios, certo de que havia encontrado o meu porto seguro, minha caverna de Ali Babá, veio a reviravolta. A bibliotecária, que diariamente observava aquele menino solitário, acompanhado de uma triste maçã de papel roxo, resolveu reportar o caso à minha mãe. Foi cruel e enfática em seu veredito: eu era um menino problemático e solitário, que me escondia na biblioteca para não socializar. No dia seguinte, ao entrar na biblioteca, fui barrado. “Sua mãe não quer que você passe o recreio aqui. Aqui você não pode ficar. Vá lá pra fora brincar.”

Fecharam-me as portas de um mundo perfeito. Tiraram de mim o meu refúgio, meu Shangri-la. Fui catapultado novamente para o recreio das partidas intermináveis de futebol. Roubaram-me Mafalda e sua turma. Não podia entrar mais na biblioteca durante os recreios. Eu tinha que jogar bola. Eu tinha que socializar com os outros meninos. Ficar lendo em uma biblioteca não era “coisa de homem”.

Até hoje quando entro em uma biblioteca me vem à mente essa história. Minha dor foi indescritível, minha inabilidade social havia sido exposta para a minha mãe de forma rasa, alheia aos meus sentimentos. Ninguém nunca me perguntou os motivos pelos quais eu passava tanto tempo sozinho na biblioteca... Optaram pela solução mais fácil: eu não deveria voltar à biblioteca durante os recreios e tudo acabaria por “se resolver”...

Todavia, a proibição atiga o desejo, como se sabe. Se não podia mais entrar na biblioteca durante os recreios, eu tentaria outros horários. Antes ou depois das aulas, ninguém poderia me impedir. Para todos os efeitos, eu estaria ali fazendo a lição de casa. Na verdade, eu estava me encontrando com Mafalda, que ao fim e ao cabo, se tornou minha amante clandestina.

Esse corte abrupto também me levou a procurar outras bibliotecas. Logo descobri a biblioteca do meu bairro e ali passava muitas horas de minha tarde, acobertado pelo anonimato: a deliciosa liberdade de não ter que prestar contas a ninguém. Embora na biblioteca do bairro não houvesse livros da Mafalda, ela contava com outras opções igualmente interessantes e envolventes. E, assim, uma coisa levou à outra: as bibliotecas se tornaram meu objeto de encantamento e as livrarias passaram a exercer em mim uma enorme atração. Não consigo passar em frente de uma livraria sem entrar, ainda que bem rapidamente.

Anos depois, a questão do isolamento na época da infância foi tratada e compreendida pela terapia e pela psicanálise. Vieram outros colégios e outras bibliotecas... E também outras bibliotecárias, mais acolhedoras, mais alegres, mais "solares". A paixão pelos livros só cresceu ao longo dos anos. Foram eles que me salvaram na pandemia. São eles que preenchem minhas horas em salas de espera e que estão sempre na minha pasta e do lado da cama. São o motivo pelo qual não participo de redes sociais. São meu refúgio predileto para a insanidade da vida (perdoem o clichê).

Hoje tenho minha própria biblioteca e dela ninguém me tira. Mafalda e grande parte da obra de Quino estão lá. A ela volto de tempos em tempos, divertindo-me e encantando-me com o seu humor sarcástico e inteligência aguçada. Outros livros vieram e a prateleira com quadrinhos de várias partes do mundo é a minha preferida, o meu xodó. Olho para trás e perdoo a bibliotecária sisuda e antipática, que achava que ia me ajudar a ser um menino mais sociável, vetando meu contato com os livros. A professora com ímpetos futebolísticos está igualmente perdoadada. Elas eram fruto do seu tempo e talvez teriam uma compreensão diferente daqueles atos hoje em dia. Apesar de tudo isso, meu amor pela leitura não sofreu nenhum abalo. Ao contrário, só aumentou. Ao final, só me resta dizer: "Muchas gracias, Mafalda!".

Percebendo histórias

Cassiano Ambrozio Costa

Os olhos dos meus pais brilhavam com o meu interesse. Aprendi a ler cedo, fruto de muita curiosidade. A palavra, antes de ter significado, é só desenho. Eu a via em letreiros, anúncios, cartazes etc. Algo era engraçado na formação de cada palavra. Meus pais observaram tudo, aqueles olhinhos brilhando ao tentar compreender os desenhos, e não tardaram a fomentar meu interesse. Eles me compravam de presente gibis e mais gibis de livrarias de usados, os famosos “sebos”. Era comum meu pai me levar histórias em quadrinhos quando ia me buscar na escola.

Assim, dia após dia, retornando da escolinha, eu olhava para aquelas letras que formavam palavras e, em minha cabeça, compunha cada historinha. Aprendia cada sílaba, depois olhava o gibi — na maioria dos casos eram da *Turma da Mônica* — e, reconhecendo uma palavra, passava a montar novamente a história com o que eu tinha descoberto. Eu dormia olhando os gibis, rindo de coisas que sequer estavam ali. Era possível entender muita coisa pelas imagens, pelos nós na orelha do Sansão e os meninos apanhando de coelhinho da Mônica. Mas, na verdade, eu queria poder entender tudo.

Certo dia tive um espanto muito repentino: percebi na aulinha que entendia muitas palavras. Cheguei ansioso em casa e fui correndo pegar os gibis. Folheei um qualquer e tive certeza. Eu sabia ler. Eu lia tudo. Então, eu entendia todos os planos infalíveis do Cebolinha, a irritação da Mônica, o Cascão sempre entregando as intenções do amigo e assim vai. Eu conseguia ler “infalível” muito bem. Agora eu só precisava perguntar para os meus pais o que significava. Então, seria eu uma criança que sabia o que significava “infalível”.

Não foi apenas o abrir da torneira, foi o irromper dos canos todos. Eu lia todos os gibis que tinha e sempre queria mais. Empilhava gibis velhos no quarto — alguns mais velhos que meus próprios pais. Tamanha empolgação e curiosidade, eu tinha o hábito de ler placas, anúncios e nomes de estabelecimentos quando saía de carro com meus pais. Lembro-me, certa vez, de perguntar para eles qual era a diferença de “Motel” para “Hotel”... Enfim, são sempre etapas.

Memorial de leitura

Mariana Evangelista Soares

Um fato curioso sobre mim é que eu tenho uma memória muito boa, mas infelizmente essa memória não conseguiu captar a magia de conseguir ler a primeira palavra sozinha. Não me lembro bem a data exata, mas lembro que desde bem pequena eu já era fascinada com livros e cadernos. Minha mãe sempre contava as histórias de princesas e dragões antes de dormir, e eu queria muito ler esses livros com essas histórias mirabolantes sozinha. Anos mais tarde, descobri que as histórias contadas por ela saíram da sua imaginação. Quando completei quatro anos, depois de muito insistir, minha mãe me colocou numa escolinha perto de casa. Nessa época, não era obrigatório entrar com quatro anos, mas eu queria muito ir pra escola. Os lápis de colorir, cheirinho de material novo, tudo me fascinava bastante. Havia um jardim de infância no meu bairro. Escola privada. Lembro-me do meu primeiro dia de aula. Não foi ela quem me levou, pois estava trabalhando. O uniforme era azul royal e amarelo pastel. Minha avó fez um rabo de cabelo bem apertado com a fita. Minha mochila roxa de borboletas. Nem chorei. Queria logo conhecer meus colegas, fazer amiguinhas, brincar com massinha. Descer no escorregador. Colorir um sol e duas montanhas. Miseravelmente, todas as minhas expectativas foram frustradas. Eu fui pra escola muito empolgada. Eu era a única aluna negra na sala, não posso afirmar que as crianças tinham esse preconceito, mas elas brincavam entre si e me excluía. Tenho uma lembrança muito triste que nunca esqueci até hoje. Foi uma aula pós Páscoa, e todos levaram ovos de chocolate que tinham ganhado

pra escola, e eu não havia levado nenhum. Não sei por quê. Ao ver todos comendo seus ovos, eu inocentemente fui pedir a uma coleguinha um pedaço do seu ovo, e me lembro nitidamente — consigo enxergar a cena — ela raspando com a unha e passando no meu braço.

Essa não foi a primeira e nem a última vez que esse tipo de ocorrência aconteceu. Eu apanhava na escola, cortaram o meu uniforme, eu tinha uma cicatriz na bochecha até pouco tempo de um aluno que me feriu com lápis. Não me deixavam brincar no escorregador, nas quintas-feiras era dia de piscina e nenhuma das crianças simpatizava comigo e eu levava isso pra casa, minha família ficava preocupada, conversavam com a diretora, mas nada disso me fazia deixar de querer ir pra escola. Porque pra mim, quando a professora lia aqueles contos de fada era maravilhoso, era mágico. Eu me lembro de gostar muito de brincar com blocos de montar — pequeno engenheiro —, até hoje eu gosto muito, então, ir pra escola era muito bom, apesar de não ter amigos e sofrer agressões e a coordenação nunca fazer nada, era fascinante. Mas esse memorial não é sobre o *bullying* que eu sofri na infância, e sim sobre o meu fascínio pela leitura. E o que me fez querer aprender a ler foi uma situação em que a professora escreveu um bilhete e me pediu para que eu entregasse ao meu responsável, eu não sabia ler, mas queria saber o que estava escrito ali. Perguntei a ela sobre de que se tratava e ela só disse pra eu não me preocupar. E olhava pro papel e as letras começavam a dançar na minha frente, ficando tudo embaçado. Eu consigo me enxergar olhando pro papel e vendo tudo como se fosse um borrão. Cheguei em casa e eu descobri que eu estava com piolho, e a professora pediu pra que eu ficasse em casa até que a minha família conseguisse acabar com essa praga.

Os piolhos acabaram e eu voltei para escola para me despedir, pois as agressões continuavam se repetindo e minha mãe não gostava de me ver sofrer. Em casa, ela fazia muitos desenhos comigo, também me ensinou a escrever meu nome completo, o alfabeto e os números. Nas memórias dela, a primeira palavra que eu li foi PASSARINHO. Pasmem! Diz ela que deve ser porque desenhava muitos pássaros e borboletas, e disso eu me lembro bem. Meu quarto era repleto de quadros florais e desenhos de jardim. Mas eu duvido que uma criança de quatro anos lê de

primeira uma palavra com dois “s” e no diminutivo, mas não posso provar pois fui traída por essa mesma memória. Mas, para uma criança que falou e andou com nove meses e desfraldou com um ano, tudo é possível! Em 2006 voltei pra escola lendo e escrevendo em letra cursiva. Continuei sofrendo *bullying* até o ensino médio. Não tive muitos amigos, nem um garotinho que se apaixonasse por mim, e isso me fez viver escondida na biblioteca atrás de algum livro de romance. Guardei todos os poemas que fiz em minha adolescência. Quem sabe um dia eu publique um, por mero prazer, é claro, pois não se dá para viver de poemas nessa sociedade utilitarista. Mas, com certeza, dedicarei à minha mãe, que com pouco estudo, me revelou a magia de ler e até hoje briga comigo por ter uma biblioteca desorganizada em casa. Obrigada, mãe!

Até o apagar da velha chama¹

Millene Gonzaga Bello

O ano era 1983. Naquela época não era incomum as crianças começarem a frequentar a escola aos cinco ou seis anos de idade. Hoje bebês de um ou dois anos já são admitidos na educação infantil com muita naturalidade. Nos anos 80, boa parte das meninas e meninos iniciavam os estudos obrigatórios no que, na época, era conhecido como pré-primário. Diferente da minha geração, minhas filhas, hoje com dez e treze anos, começaram a trajetória escolar com apenas um aninho. Impressão minha achar que a escola da atualidade tem a função importante de acolher, com uma frequência maior que há quarenta anos, crianças para que seus pais possam trabalhar. Mas essa questão não é objeto de análise desse texto.

Aos seis anos de idade comecei minha vida acadêmica na Escola Estadual Flávio dos Santos. Minha memória, após tanto tempo, revela momentos de grande dificuldade nos primeiros dias na sala de aula. Lembro de sentir uma saudade infinita da minha casa e da minha mãe. Até reconhecer que aquele ambiente não era hostil e sim muito acolhedor, a socialização foi conquistada com muitos momentos de tristeza e regados a choro. Passado esse perrengue das primeiras semanas, a escola foi se tornando um espaço agradável de interação, amizade e conhecimento. Sentia uma necessidade urgente de aprender a ler, pois havia em minha casa muitos livros infantis e revistinhas com suas historinhas maravilhosas que ficavam ali esperando para serem lidas. Todas as noites antes de

¹ JOBIM, *Corcovado*.

dormir, mamãe contava uma história que eu escolhia da coleção de livrinhos da Disney ou das revistinhas da *Turma da Mônica* e do tio Patinhas.

Com meus sete anos eu já conseguia ler e devorava todas as revistinhas e os livros fininhos com suas letras gigantes. Eu não gostava de letras pequenas e apreciava as ilustrações coloridas. Lembro-me de ter fabricado uma revistinha em quadrinhos. O tema era sobre dinossauros, mas não tenho nenhuma ideia sobre o que escrevi nos balões e qual foi o desfecho da história. Uma pena esse trabalho ter se perdido.

O primeiro livro infanto-juvenil que consegui ler sozinha foi um presente de uma tia muito querida, que morava no interior de Minas. O livro era *O mistério do 5 estrelas*, da coleção Vagalume, do autor Marcos Rey. Essa coleção foi muito utilizada pelas escolas da minha época de ensino fundamental. Recordo-me de ter lido vários livros dessa coleção.

Aos doze anos ainda nunca tinha lido um livro mais adulto e foi então que recebi um convite. Minha prima, filha daquela tia querida que me presenteou com *O mistério do 5 estrelas*, foi passar uma temporada na minha casa para estudar e fazer cursinho para um concurso da Caixa Econômica Federal. Helga é o nome dessa prima, que não passou no concurso, mas fez uma bela carreira como professora universitária, na sua cidade natal, Itajubá. Helga convidou-me para ler junto com ela o livro *O iluminado* do escritor norte americano Stephen King. E assim fizemos, cada uma lia uma página em voz alta. Foi uma experiência incrível. A partir desse momento comecei a ler todos os livros de terror que encontrava pela frente, sobretudo histórias de vampiros. Minha adolescência foi também marcada pelos livros românticos de Sidney Sheldon. É interessante pensar que os escritores nacionais não eram muito populares entre nós e só líamos autores brasileiros por obrigação, na escola.

Minha vida acadêmica nunca deixou de existir. Comecei aos seis anos estudando de forma involuntária, acreditando que a escola seria um instrumento de tortura, porém o caminho do estudo e do conhecimento, apesar de sempre mais desafiador ao longo dos anos, foi se tornando parte da minha vivência. Nunca deixei de estudar, nem mesmo agora, já entrando na meia-idade. E pretendo continuar. Até o apagar da velha chama!

Processo de alfabetização e letramento de uma caloura em Letras

Lara Luiza de Oliveira

Nasci em Itaguara-MG, no ano de 2003. Sou a mais velha em uma família de três irmãs. Minha mãe, Eliana, e meu pai, Marco Antônio, casaram-se em 2000 na mesma cidade em que nasci e vivi por dezenove anos. Tive uma infância proveitosa, brincando na rua até tarde, jogando queimada, polícia e ladrão, andando de bicicleta, brincando de escolinha... fazendo tudo aquilo que uma criança do interior de Minas Gerais fazia nos tempos de minha infância.

Meu primeiro contato com a leitura foi através de histórias contadas por minha mãe antes de dormir. Em minha casa havia muitos livros infantis, mas eu sempre pedia para ela ler o da Cinderela, porque era fascinada pela transformação da abóbora em uma belíssima carruagem. À medida que fui crescendo e aprendendo a ler, comecei a frequentar a Biblioteca Pública Guimarães Rosa, onde descobri minha paixão por livros, principalmente os de romance e, também, onde passei grande parte do meu tempo durante o ensino fundamental. Ao analisar esse momento percebo o quanto ele, juntamente aos aprendizados familiares, foi crucial para minhas escolhas futuras, pois foi quando surgiu em mim a faísca do interesse pelas linguagens, eu só precisaria alimentá-la ao longo da vida.

Comecei meu processo de alfabetização com quatro anos e meio na Escola Infantil Mundo Mágico, uma escola particular, onde fiquei por apenas cinco meses (agosto a dezembro), pois, naquele momento, não havia pré-escola para alunos de quatro anos nas escolas municipais da cidade. Após esses cinco meses, fui matriculada na Escola Municipal

Padre Geraldo Rodrigues Costa, na qual estudei por seis anos, até o quinto ano. Durante esta fase, a professora que mais me incentivou a ler e a escrever foi a do terceiro ano, seu nome é Giane. Lembro-me das inúmeras brincadeiras que realizava envolvendo livros, mas uma em específico me marcou muito. Consistia em um rodízio semanal de leitura, no qual cada semana um aluno ficaria responsável em levar um livro para ler diante da turma e, para isso, tínhamos uma pastinha de mão azul. Assim, sabíamos que quem estava com a pasta era o encarregado da semana, ficávamos muito empolgados. Além disso, foi também nestes seis anos que alguns vendedores ambulantes passavam na escola para vender maletas de livros infantis e CDs. Isso era o auge da escola, minha maior empolgação e o terror dos meus pais, pois eles apareciam todo semestre e eu queria todas as vezes.

Assim que finalizei o quinto ano, fui matriculada na Escola Estadual Coronel Frazão, onde estudei do sexto ao nono ano. Nesta nova fase meu ritmo de leitura diminuiu muito, idas cada vez menos frequentes à biblioteca e acredito que isso tenha acontecido porque não havia incentivo de leitura e muito menos de escrita por parte dos professores. Nossas aulas se resumiam a gramática e mais gramática. Lembro-me de que meu terror era quando havia algum evento cultural na cidade e pediam para os alunos escreverem um *slogan* ou um texto para concorrer ao primeiro lugar, pois não achava que possuía criatividade e competência suficiente para redigir. Ademais, nesta escola eu tive uma professora de português chamada Rosânia, a mais temida pelos alunos, pois era muito rígida. Confesso que também tive medo dela, mas digo com convicção que foi a única com quem realmente aprendi algo de sintaxe. Infelizmente, apenas consegui ter essa percepção quando ingressei na faculdade, ao relembrar alguns conceitos aprendidos nesta época.

Para finalizar a educação básica, fui matriculada na Escola Estadual Alvim Rodrigues do Prado, em 2018. Neste ciclo, ingressei no mundo dos livros *online*, me distanciando totalmente dos físicos, indo à biblioteca apenas para fazer algum trabalho em grupo. Mesmo com os livros digitais, continuei com uma frequência baixa, chegando a até mesmo não ler nenhum livro num período de três meses, o que era muito pra mim, acredito que isto tenha acontecido por causa de outros interesses que

surgiram e ocuparam meu tempo livre, como o vôlei e as redes sociais. Além disso, com esta etapa surgiu ele, o motivo da minha ansiedade, com 180 questões e uma redação, o glorioso Enem. No primeiro ano, ao ouvir falar de redação me arrepiava toda, pois não fazia ideia de como escrever e não tinha certeza se iria aprender naquela escola, com aquela professora, visto que não possuía autoridade alguma dentro de sala, dispunha de uma péssima didática e mais aulas de pura gramática. No final do segundo ano, ao realizar o Enem pela primeira vez, eu tive certeza que não aprendi, e mais certeza ainda de que não iria aprender a redigir um texto, visto que quando ingressei no terceiro ano, iniciou-se a pandemia. Foi então que surgiu na minha vida o Marcelo, mais conhecido como Marcelinho, no início de 2020, com o cursinho de redação Manda Bem no Enem: Linguagens, no qual fui monitora em 2021 e atualmente sou corretora. Ele foi o pivô da minha escolha de cursar letras, se não fosse por ele, neste momento eu não estaria aqui, escrevendo este memorial, mas sim lá, em Ouro Preto, no terceiro período de engenharia geológica. Foi com ele que descobri o gosto pela escrita e relembrei o de leitura.

Em 2020, eu possuía plena certeza que cursaria engenharia geológica, nunca se passou por minha cabeça vir para letras, achava que estar neste curso se resumia apenas a ser professor e Deus me livre ser professora. Em 2021, eu consegui entrar na UFOP, mas não tinha mais certeza se era aquilo mesmo que eu queria para minha vida profissional. Após muita reflexão e conversas com meus pais, com o Marcelinho me dizendo que possuía o perfil de uma estudante de letras e com minha amiga, Maria Clara, eu finalmente percebi que tinha me descoberto no mundo das linguagens, que tinha resgatado aquela garota da infância que adorava ler. Foi então que fiz a escolha mais difícil da minha vida, e a que também me causou mais dor de cabeça e algumas noites mal dormidas: decidi cursar letras. Deixar um curso que possui uma estabilidade bacana e é valorizado, por outro que é desvalorizado constantemente por todos é realmente muito complicado, eu diria até mesmo que foi um ato de amor.

Em 2022, ingressei em letras — licenciatura dupla português-espanhol. Foi a melhor escolha que poderia ter tomado. Ao começar as aulas descobri uma Lara que até então não tinha conhecido, que almeja ser capaz de repassar com clareza os conteúdos que julga ser mais

pertinentes aos objetivos das disciplinas, ter amor ao que ensina e, acima de tudo, despertar a curiosidade e motivação através da leitura e escrita, e, dessa forma, contribuir para o aumento do nível de letramento dos alunos. Portanto, acredito que a minha vida pessoal reflete, e espero que minha futura carreira de docência possa refletir, muito as vivências e os aprendizados que tive na infância e na juventude, pois carrego comigo muito daqueles ensinamentos iniciais imprescindíveis e que conduziram a minha história de vida e a constituição dos meus saberes e fazeres, como a necessidade de uma constante formação cidadã e humanitária, o respeito ao próximo e a consciência de que ninguém, além de nós mesmos, é responsável por trilhar nosso caminho.

Memorial

Dominique Alves Damacena

O começo de minha jornada no mundo da leitura iniciou-se, ainda antes do meu nascimento. Dominique Lapierre, o autor do livro *Esta noite a liberdade* foi a grande inspiração para o meu nome. Cresci em meio aos livros; quando ainda era muito nova e não sabia “ler”, minha mãe me contava diversas histórias, e eu reproduzia o que era lido em minhas brincadeiras.

Comecei a frequentar a escola aos três anos. Como eu morava em uma fazenda, tinha que andar quilômetros até conseguir chegar à escola. Ia um dia sim, e no outro não, e quando faltava, era colocada para estudar o alfabeto em casa. Amava estudar, mesmo sem conseguir decifrar os códigos das letras, criava histórias de acordo com as imagens que eu via nos livros, assim, sempre conseguia inventar uma nova versão de tudo que era visto.

Quando mais velha, passei a não ter tanto contato com a leitura fora da sala de aula. Tinha preguiça de ler, sentia como se eu estivesse perdendo tempo, enquanto eu poderia estar brincando. Com dez anos, ganhei o livro *diário de um banana*, e desde então, li todos. Consequia ficar presa ao que era contado, sempre curiosa para saber como as coisas iam se desenvolver. Nesse processo, sempre conseguia conversar sobre o que eu lia com meus amigos que também eram leitores, passávamos horas, e horas conversando sobre diversos livros. Na época, ler era uma forma de fugir de quem eu era, pois, era através deles que eu poderia viver outras vidas, me apaixonar e viver grandes histórias de amor, ser uma vampira, um semideus, uma bruxa, ou qualquer outra coisa que os romances me permitissem viver.

Na escola municipal e estadual que estudei, havia um projeto chamado "maleta de leitura", no qual cada aluno escolhia um livro, levava para casa, lia em um prazo estabelecido, respondia perguntas e recontava aos colegas a história em um dia determinado pelo professor. Era o único momento em que saíamos um pouco da gramática. Então, não tive muito contato direto com a literatura na escola, até o ensino médio, quando fui para o IF (Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia), e lá havia uma disciplina apenas para literatura.

Por fim, posso dizer que a instituição, minha professora de literatura e a literatura em si, mudaram minha forma de ver as obras literárias, e o mundo que me cercava. Consegui escolher um curso de graduação que me permite ter um aprofundamento sobre a escrita, e a língua, capaz suprir esse amor que sinto pela leitura/escrita e sua capacidade de influenciar e transformar a vida dos indivíduos.

Truques de elucidação e outras maneiras de lembrar

Yuri Ferreira Fonseca

"Yuri, que o livro seja a porta para a 'Magia da Criação' dos seus sonhos e fantasias... Um beijo carinhoso." –

Evelyn e Equipe de Educação Básica, Sesi/NIG, agosto/2007.

São incontáveis as noites em que perdi lembranças, lembranças do meu passado, que geram memórias, que constroem meu futuro; saiba, minha instabilidade dos últimos anos se tornou tão presente, sendo capaz de transpassar o próprio espaço-tempo e embaralhar meus neurônios. Minha mente, então, busca referências e falha constantemente nesse sentido – me perco, mas há sempre uma constante, dissolvida em pálidos anos, a passos de tartaruga: eu.

Houve um dia em que uma mãe decidiu ler para seu filho e, então, nasci. A data é incerta, mas a sensação é permanente: o laço criado entre a vida, o amor, a arte... foi impossível esquecer; sempre permaneceu lá, ecoou por aqui e seguirá até meus cabelos pararem de crescer e minha pele começar a encolher. Seria assim o início desse relacionamento árduo, entre indivíduo e leitura? Não, não há como. Isso vai além de mim: sou fruto dos livros de capa vermelha da infância da minha mãe, que possui uma estrela diferente da que me ilumina – e minha mente pena ao pensar sobre meus próprios passados; estender esse poder para o passado de quem me criou é um passo largo, passo esse que não possui, pois, minhas pernas ainda crescem e, se crescem, ainda são bambas e com medo.

Minha leitura, portanto, se inicia na leitura de outro, para mim: nas histórias de dormir, nas lembranças revividas, nas ilustrações descritas. Em 2005, fui à minha primeira Bienal do Livro. O que restam são fotos: eu, pequeno, três anos de idade, uma sacola com livros. Hoje, já não

lembro mais. Em 2007, já na escola, lembro um pouco melhor. Aprendi a ler e escrever no mesmo ano, mas houve um acontecimento que se destacou entre as milhares de folhas rabiscadas: um concurso.

O Concurso de Redação do Projeto Magia da Criação era almejado por todos e sempre vinha acompanhado com esse aroma que deixava as crianças encantadas, preocupadas: era a nossa entrada em um mundo que nunca antes havíamos percebido. Um mundo repleto de sabores nunca antes experimentados. Um mundo de competição, de regras, de incentivo... ali, me perdi, ou talvez me encontrei. Fiz um desenho de uma indústria de robôs e fui premiado por isso. A premiação foi em um auditório escuro, frio, com muitas pessoas em tom mórbido, falando, aplaudindo, saudando. Sei que, possivelmente, só estava de noite, era um evento formal de um modo que eu nunca tinha visto antes (por isso a estranheza) e eu, provavelmente, não enxergava direito (possíveis sinais da miopia que viria mais tarde); mas o mundo adulto, para uma criança perdida, soa como estalactites agudas.

Há, portanto, a necessidade de me explicar: se hoje amo ler, amo escrever (como pode perceber pelo espírito cansado que redige este exato mesmo texto) e amo me prolongar excessivamente nas matérias que fazem meu coração bater mais forte... Foi por conta de um mero concurso infantil que, na época, iniciou meu processo de entrada nesse mundo das letras que hoje resido.

O prêmio em questão foi, como pode imaginar, um livro. A citação que escrevo no início desse texto é a dedicatória que guardo, também com carinho, na primeira página de um livro infantil sobre um jacaré preguiçoso. Como é a ironia, pois hoje me vejo exageradamente igual ao livro.

Eu, portanto, li e, naquele instante, me permiti ser lido.

Os efeitos que isso gerou pelos próximos anos são incompreensíveis. Sempre fui uma criança quieta, de modo que muito do que penso só sai nessa relação minha com o papel. Então, ser premiado por algo que nem mesmo eu acreditei, não por falsa modéstia, mas por falta de conhecimento de que tal ato era possível, soa incompreensível. Irreal.

Ler e ser lido exigiu do meu eu de cinco anos um alguém com uma sabedoria que ele não conhecia ainda, alguém que talvez nem mesmo eu

agora conheça. Veja, portanto, o porquê de eu dizer, em seguida dessa declaração amorosa que, por muitos anos, odiei ler.

Eu não queria ser lido, queria viver, viver fora desse peso que me faziam carregar; e a leitura, por muito tempo, tornou impossível tal sonho: era uma invasão, um fardo imposto a mim, que nunca havia pedido e nem sequer havia pensado sobre. Se ler é permitir a abertura de si mesmo ao mundo, eu queria me fechar em meu cobertor de desenho animado para sempre. Não entenda mal, ainda passei muitos anos amando ler; li e reli o livro do jacaré como se não houvesse amanhã: estava apaixonado, me animava ter ganhado algo de tamanha significância, me sentia importante, vivo. Logo, li meu primeiro livro "sério" (*A bússola de ouro*); meu primeiro livro em inglês (*The Giggler Treatment*); e assim por diante... até o dia em que simplesmente a vontade sumiu, as cores perderam seus matizes, a janela de meus olhos começou a rachar levemente; as palavras deixaram de rimar, os diálogos se tornaram ruído e a narrativa se tornou pedante.

A morte do texto, para mim, é o momento que esse meu laço realizado anteriormente se solta; afrouxa, tal como o cadarço do meu antigo tênis vermelho, e não vejo mais o mundo como antes. Deixar de ler é deixar de me conectar com meus diversos passados, é largar a construção milenar que me trouxe até aqui; é me distanciar da minha mãe, dos meus desenhos de robôs, dos meus livros ilustrados, da minha infância perdida no tempo. Mil vezes vi o texto morrer e acredito que irei ver mil vezes mais.

São momentos obscuros, esses que deixo de ler; pois são também os momentos que menos lembro. Minha memória se perde no espaço, não tenho referências a traçar, me perco em uma floresta de árvores iguais e fauna inexistente. É sufocante não saber se, em algum momento da sua vida, você realmente existiu e viveu.

Houve um dia em que um filho, perdido e sozinho, escreveu e, então, renasci. Os dias, antes iguais e monótonos, encontraram um lugar seguro no fazer da palavra; em escrever palavra, letra por letra, e conseguir sonhar de novo.

Escrevendo, relembro, reconstruo memórias que antes nunca imaginei serem possíveis de ainda existir. Me permito sonhar um pouco mais, viver além do alcance de meus pesadelos, conhecer, novamente, um mundo novo.

Seria esse mundo, então, o mesmo? Ou eu já deixei de ser quem eu era? Ainda tenho medo do escuro, mas não escrevo poemas como antes. Lia sobre o jacaré preguiçoso com cinco anos e me tornei o jacaré preguiçoso aos dezenove; deixei de ler durante todo meu ensino fundamental e parte do ensino médio, mas escrevi como nunca antes. Veja, então, que vivo uma vida de paralelos: ler e escrever; viver e pensar; existir e esquecer.

Eu, portanto, escrevi e, nesse instante, me permiti lembrar.

Memorial estudantil

Paulo Ronaldo Cordeiro Moreira

A primeira lembrança que tenho da vida escolar é, exatamente, quando com seis anos e meio minha mãe levou-me à Escola Rural de Santa Fé, na pequena cidade de Morretes, próxima ao litoral do Paraná, e efetivou a minha matrícula na primeira série, naquela época, chamado de ensino primário. Lembro-me da primeira professora, dona Elvira, senhora dos seus 45 anos, chamada de “brava” pelos alunos. Para mim, foi pessoa excelente, ensinando-me com paciência as primeiras letras. Trago à memória ela pegando na minha mão, para me ensinar a letra “e”, que eu havia escrito de cabeça para baixo, bem como todas as outras letras do alfabeto. Ganhei meu primeiro livro didático, e a primeira lição já criou um certo impacto em mim, chamava-se: *A família*, na qual tinha as imagens de pai, mãe e, se não me engano, dois filhos, retratando o ideal de família perfeita e feliz, mas que contrastava com a minha realidade, pois minha família não tinha a figura paterna, éramos eu, meu irmão, avó materna e mãe. Pouco tempo depois, minha mãe se casou e foi morar no “sítio” dos pais do meu padrasto, deixando-me com minha avó, com a justificativa que eu tinha que ir para a escola, e o sítio era distante, tanto da cidade, como da própria escola. E, assim, foram meus primeiros quatro anos na escola, os quais não tenho tantas lembranças, como no início. Mas um fato marcante era quando a professora entregava o boletim para o pai, mãe, ou responsável assinar e no caso da maioria dos alunos, ou de todos, o pai era quem assinava e, no meu, era a mãe, e, então, os colegas faziam as fatídicas perguntas: Cadê o teu pai? Por que

ele não assina o teu boletim? E eu, com um misto de sentimentos inexplicáveis, tinha que falar: “Não tenho pai, minha mãe disse que ele mora em Curitiba, mas não conheço”. A situação era mais difícil quando num feriado, ou mesmo final de semana, os colegas relatavam que tiveram tempo de alegria com seus pais: jogando bola, brincando de carrinho, passeando de bicicleta etc... E eu? “Ah, passei com minha vó, fui à igreja com ela”, e eles perguntavam: só isso? Eu tinha que responder: “só”. Eles deviam pensar: coitado, não tem pai para brincar e passear com ele. Mas , naquele tempo, minha vó era tudo que eu tinha, e mesmo com poucas habilidades e quase nenhum conhecimento, ela cuidava de mim e me ensinava coisas boas, apesar das dificuldades, da vida difícil, pois o que tínhamos era o básico para sobrevivência: alimento, não muito nutritivo, e roupas ganhadas de primos e parentes próximos. Quanto aos estudos, eu frequentava regularmente as aulas, e aprendi a ler e escrever, bem como as operações matemáticas, ciências sociais, geografia.

Após esses quatro primeiros anos, ingressei no antigo ginásial, que contemplava da quinta à oitava série, e era cursado no Colégio Estadual Rocha Pombo, no centro da cidade. Estava com dez anos de idade, e já conseguia trabalhar fazendo alguns serviços na roça, então minha mãe levou-me para morar no sítio, e minha situação complicou-se mais, pois agora morava mais longe do colégio e ainda tinha que trabalhar para ajudar a família, na cultura de subsistência. Posso dizer que estudei “na raça”, de forma deficitária, pois tinha que ler o livro didático ou escrever as atividades nos cadernos de forma precária, nos poucos intervalos de almoço ou jantar, em meio às várias atividades que me obrigavam a realizar. Era até angustiante, porque queria estudar, mas não tinha tempo, e, na roça, pelo menos lá, não havia fim de semana, nem feriado, “nem dia santo”, como diziam eles, ou seja, tinha que trabalhar todos os dias, e para justificar, ouvia o triste discurso: “aqui não criamos vagabundos, mas gente trabalhadora”. Assim se passaram meus quatro anos no ginásial, que, apesar de todas as barreiras e dificuldades, concluí, mas, como expressei anteriormente, de forma precária, estudava apenas as aulas ministradas pelos professores, pois algumas matérias não ofertavam livro didático e, como o ensino público no Brasil é deficitário ainda hoje, imagina há 45 anos atrás. Tudo que fiz de bom pra mim foi não

desistir dos estudos, mesmo com todas as probabilidades para fazê-lo, porque, de alguma forma, eu sabia, até intuitivamente, que a “minha libertação” daquela vida difícil e complicada viria através dos estudos, do conhecimento. É difícil falar desse tempo, sem que as lágrimas corram dos meus olhos, pois fui, de várias maneiras, usurpado do meu direito de ser criança, de brincar, de estudar de forma qualitativa, e desenvolver meu potencial criativo, aprimorar minhas qualidades, enfim “ser eu”, pois, para as pessoas com as quais convivia, e que tinham “autoridade” sobre mim, criança, adolescente, não tinha “vez nem voz”, ou seja, tinha único e exclusivo “direito”, pra não falar “dever”, de “ficar calado e obedecer”, e fazer o que eles mandavam, para não ser “castigado”. Continuei estudando dessa maneira, com muita dificuldade consegui ler partes dos poucos livros didáticos que a escola oferecia, limitado pelo pouco tempo para estudar e me aprimorar, e, nessa época não consegui ler qualquer outra literatura, mesmo porque não havia incentivo dos professores e muito menos da minha família, pois a situação cultural e financeira eram precárias, e, hoje, entendo que as pessoas oferecem o que possuem, se nada têm, nada podem oferecer... Mesmo assim, me formei no primeiro grau, e, aos catorze anos, ingressei no ensino médio.

Quando iniciei o segundo grau, um senhor, vizinho, me chamou para trabalhar em sua lanchonete que ficava no centro da cidade. Aceitei prontamente, porque era a chance de me livrar da vida difícil da roça e iniciar minha caminhada profissional e estudantil de maneira mais “tranquila”. Tranquila, em tese, porque na lanchonete também tinha que trabalhar todos os dias e ir pra aula à noite, mas, pelo menos agora, tinha um pouco mais de tempo para ler, estudar, fazer as atividades em horários de pouco movimento no trabalho.

Cursei o segundo grau técnico, chamado à época de “técnico em contabilidade”, e era a única opção no colégio para os que queriam estudar no período noturno, pois magistério e normal superior eram cursos ofertados no período diurno, apenas. Foi um tempo em que me desenvolvi um pouco melhor, pois agora, trabalhando, ganhava meu dinheiro e conhecia coisas novas, bem como novas pessoas, ajudando-me a vencer a timidez. Foi nesse tempo que consegui ler alguma literatura brasileira, como *Dom Casmurro*, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Vidas secas* e

alguns outros clássicos, além dos estudos focados nas práticas de técnico em contabilidade. Foi um tempo de crescimento e aumento da minha visão como pessoa, como ser humano. Lembro-me com alegria da professora Bety, que lecionava física, e era muito calorosa, humana, não se limitava aos cálculos e teorias complicadas da física, mas, por várias vezes, dialogava com a turma, ouvia demandas pessoais, dava conselhos, nos instigava a buscar conhecimento e a nos valorizar como cidadãos, como indivíduos responsáveis com deveres e direitos, mas livres para sermos quem quiséssemos ser. Lembro-me também do professor Sidney Antunes, que lecionava “direito”, e ditava a matéria toda, do início ao fim da aula, de maneira que eu ficava com a mão e os dedos doendo de tanto escrever. E detalhe: essa matéria toda ele cobrava na prova *ipsis litteris*, de forma que a prova era uma réplica de tudo que estava escrito no caderno, e sem consulta. Tinha que decorar, e eu, como gostava de uma linda garota, decorava tudo, motivado em deixá-la colar, ou seja, no dia da prova, ela sentava na carteira após a minha e colava tudo; eu ficava feliz e ela, obviamente, muito mais, e que esse professor não me veja lá do céu, confessando esse “pecado”. No segundo ano do ensino médio, uma professora, que me conhecia bem, e vendo meu esforço e luta na lanchonete, conversou com o dono da única gráfica da cidade para que ele me oferecesse uma oportunidade de trabalho. E, assim, com quinze anos, fui trabalhar na Gráfica e Editora Cavagnolli, e, agora, a situação melhorara consideravelmente, pois além de ganhar mais, eu tinha o fim de semana livre para sair, passear, estudar, e tudo o mais. E, dessa maneira, me formei no ensino médio, com dezessete anos, em 1985.

Nesse tempo eu comecei a frequentar uma Igreja Batista e me envolvi plenamente nas atividades da mesma, tornando-me líder de jovens e algumas outras funções, sempre pensando em ingressar na faculdade, mas sem tomar atitude mais eficaz para tal. Quando em 1988, por influência do pastor que me orientava espiritualmente, e crendo ser a vontade de Deus para mim, mudei-me para Belo Horizonte, e ingressei num curso livre de teologia, no STEB (Seminário Teológico Evangélico do Brasil). Foi um tempo de muito aprendizado, conhecendo mais intimamente sobre filosofia, administração eclesiástica, teologia, enfim, todo o currículo do curso bacharel em Teologia, voltado sempre para a cultura

judaico-cristã evangélica. Minhas leituras e escritas nesse período eram voltadas para a bibliografia curricular do curso, pois eram muitas atividades e trabalhos, sempre focados nesse tema, bem como provas, de todas as matérias. Conhecer os clássicos épicos gregos como *Ilíada* e *Odisseia*, ler *A república*, de Platão, conhecer outras obras de filósofos e pensadores como Sócrates, Aristóteles, Heráclito de Éfeso, que acho fantástico, me davam muito prazer e alegria, e também a literatura do curso, mais especificamente *Teologia sistemática*, *Bibliologia*, *História da Igreja* etc. Me formei no final de 1991 e, como já trabalhava como seminarista em uma igreja evangélica, continuei exercendo essa função na mesma, como pastor licenciado, vindo depois de dois anos a ser oficialmente “consagrado” a pastor.

Como a função exigia tempo e muitas atividades na área espiritual, como aconselhamentos, pregações, assistências diversas aos fiéis, deixei por um tempo a vida acadêmica, fazendo apenas alguns cursos e seminários, sobre liderança, como o Instituto Haggai, focados sempre no exercício da função pastoral. Assim, se passaram uns dez a onze anos, quando, por causa de uma circunstância adversa, saí da Igreja, deixando de exercer o pastorado. Foi quando me senti perdido e sem rumo, tanto na vida pessoal e muito mais na vida estudantil, pois não sabia como recomeçar, com dois filhos pequenos e esposa, ou seja, uma família para cuidar e sustentar, apesar do trabalho da minha esposa que é professora. Foi então que fui, digamos, “empurrado” a fazer alguma coisa, a tomar atitude, sair da zona de conforto, e buscar emprego no mercado, tornando-me supervisor de vendas. Depois de um ano exercendo essa função, senti a necessidade de me atualizar nos estudos e, como estava trabalhando na área comercial, comecei o curso de administração na Unopar (Universidade Norte do Paraná), na modalidade semipresencial, e era o que eu podia pagar à época. Ingressei em 2008 e me formei em 2011. Foi um período excelente, pois estudei os principais temas ligados à área, como: contabilidade, direito empresarial, economia, gestão de custos e preços, marketing, direito tributário, direito do trabalho, gestão estratégica etc. O curso me proporcionou muito aprendizado e crescimento, focando sempre na vida profissional para “recuperar o tempo”, pois já estava com 43 anos de idade. O curso de administração me projetou para

a gerência de vendas e, depois, a corretor de seguros no Banco Bradesco. Mas, com a crise da economia brasileira nos últimos anos, postos de trabalhos fechados e as dificuldades do setor de vendas, principalmente na área de seguros, planos de saúde e assistência funeral, que eram meus ramos de trabalho, especificamente, saí da empresa e fui novamente forçado a procurar outra atividade, que me oferecesse um salário razoável, comparado ao que eu ganhava. Após enviar alguns currículos e bater em algumas portas, não consegui voltar à função e, então, me tornei motorista de aplicativo, mesmo não sendo o que eu queria, mas a vida é assim: existem tempos que não é o que se quer, mas o que se tem, e, apesar das dificuldades, encontrei nessa atividade um trabalho digno e um sustento razoável, não como era antes, mas satisfatório.

E, assim, já contam seis anos na função de motorista. Mas sempre tive um sonho: de estudar numa universidade federal e fazer o curso de letras, pois amo estudar, ler e estar sempre aprendendo, focado no aprendizado de línguas. Quando era jovem, além da dificuldade para ingressar numa federal, eu estava focado em outro projeto de vida, como relatei anteriormente. Aí, de repente, tive uma boa surpresa, minha filha descobriu que a UFMG oferta vagas para obtenção de segundo título e me falou dessa descoberta, eu perguntei: “Como é o processo?” Ela falou as condições: ter feito o Enem há pelo menos três ou quatro anos, não me lembro agora, fazer a inscrição, pois são poucas as vagas, pagar a taxa e esperar o resultado. Um pouco desacreditado, fiz minha inscrição, e, para surpresa minha, após alguns dias, recebi um telefonema que nem atendi no primeiro chamado, pensando ser qualquer *telemarketing* de alguma empresa. Como retornou a ligação, resolvi atender, meio contrariado. A pessoa do outro lado se identificou como sendo da UFMG, dizendo que eu fui classificado para ingressar no curso de letras, mas que, com o número do CPF que estava no cadastro, ela não conseguia acessar minha nota do Enem. Pedi a ela para falar o CPF que estava na inscrição, mas ela deu um outro número. Eu falei: “esse não é meu CPF”, então ela pediu para entrar novamente no cadastro e fazer a retificação. E, como por um milagre, consegui ingressar no tão sonhado curso de letras, com especialização na língua inglesa, no qual já estou terminando o primeiro período em julho de 2022. A sensação de prazer e alegria em realizar esse sonho foi

tão grande, renovou minhas esperanças, é como se estivesse começando a estudar agora, e mesmo com as dificuldades de retornar aos estudos acadêmicos depois de um tempo considerável, estou me adaptando bem. Foi um semestre complicado, pois conciliar o tempo de trabalho, a família, a função de síndico do condomínio, com as atividades acadêmicas têm sido um desafio gigantesco, e agora entendo por que a UFMG é uma das melhores universidades do Brasil. Os professores bem qualificados promovem crescimento pessoal, nos instigam a pensar “fora da caixa”, nos desafiam a estudar não para tirar “boa nota na prova” e “passar” na matéria, mas para obtermos uma visão mais ampla de mundo, aprender a debater ideias, a ouvir outros pontos de vista, enfim, a sermos cidadãos mais qualificados para ser diferentes e fazermos a diferença nesse tempo de muitas crises, tanto no nível pessoal, quanto social e institucional.

As leituras e escritas nesse período têm sido uma redescoberta para mim, pois acho que nunca li e escrevi tanto como agora, pois os prazos para realizarmos as atividades são bem suprimidos, algumas matérias com um cronograma bem extenso como Introdução à Linguística: Fundamentos de Morfologia e Sintaxe, que foi uma revisão, praticamente de todo o ensino médio, no que diz respeito à gramática da língua portuguesa: morfologia, sintaxe, semântica etc. Mas o professor Luiz Fernando foi excelente na função de nos revisar e ensinar além do básico, simplesmente. Também a professora Daiane Pimentel, de Introdução aos Estudos Literários, que nos desafiou a enxergar a literatura com um olhar mais crítico, e buscar entender uma obra literária, não apenas a “letra escrita”, mas ver nas entrelinhas as diversas nuances de interpretações da mesma como: intenção do autor, os tempos da obra, como o tempo objetivo, tempo subjetivo, o papel dos personagens, do eu lírico, enfim, muita dedicação em nos abrir a mente e a visão, cumprindo, assim, seu objetivo. Merece destaque ainda, a professora de Introdução aos Estudos da Linguagem: Língua, Texto e Discurso, Geisa Mara Batista. Foi a mais desafiadora, que me levou a trilhar um caminho diferente, pois a maioria das atividades eram presenciais, com muitas informações novas, pertinentes ao momento que estamos vivenciando no país, trazendo desafios do cotidiano para nos levar a pensar além de nós mesmos, das circunstâncias aparentes, e enxergarmos um pouco mais além nesse horizonte

um tanto nebuloso do tempo atual. O ponto alto dessa matéria foi a realização do “debate regrado”, com o tema “A legalização do aborto no Brasil”. Aceitei o desafio de fazer parte da equipe que defendia a não legalização, e foi excelente, pois a equipe teve que estudar muito para ter argumentos “contra” e ao mesmo tempo rebater os “pró”, que viriam da outra equipe. Mesmo perdendo o debate, ficou o grande aprendizado de ouvir e pensar mais profundamente não apenas o nosso ponto de vista, mas o dos outros também, e continuar sempre buscando crescimento e novos entendimentos para os vários assuntos polêmicos da nossa sociedade. Estou realizado e feliz por fazer parte, agora como agente ativo, em uma universidade federal, um sonho que se torna realidade. Obrigado aos professores, colegas e amigos que já fazem parte da minha vida, e principalmente à professora Geisa que me desafiou a escrever este memorial.

Apenas uma coleção de memórias

Mariliz Vasconcelos de Souza Cordeiro

O ano de 2003 foi marcado por um acontecimento que, ao meu ver, foi bastante importante: o meu nascimento. Nasci e fui criada em Carmo do Cajuru, uma cidadezinha bastante desconhecida que se localiza no interior de Minas e, geograficamente, no centro-oeste mineiro. É sempre bom falar desse local, me sinto muito bem quando o assunto é minha terra natal. Não pense, caro leitor, que neste memorial minha cidade será esquecida, pois não há como isso acontecer! Ao falar nela, me vem à mente os bons momentos que passei lá, comentarei alguns deles a começar pelas narrativas “literárias” da minha infância.

*Era uma vez*¹, um pai e uma mãe que queriam educar e ensinar sua filhinha o máximo que podiam. Talvez tenha sido assim que meus pais pensaram, se não dessa maneira, foi outra bem parecida. Com esses pensamentos, liam para mim quando tinha apenas sete meses de idade, contam-me que meus olhinhos atentos achavam tudo interessante e prestava bastante atenção. *O cãozinho Rex, O coelhinho Teobaldo, O gatinho Roni e O potrinho Percival* foram livrinhos que com certeza marcaram essa fase até meus dois anos de idade, pois eram livros de histórias bem curtas que apresentavam o animal, sua forma de viver e gravuras coloridas que chamavam a atenção. Alguns destes tenho guardados até hoje com um grande apego emocional e que serão passados às gerações futuras. A partir dos dois aninhos, a imaginação começa a florescer e ganhar asas. Os

¹ Referência à forma de início dos contos de fadas.

contos de fadas que o papai lia antes de dormir... As histórias das princesas e seus príncipes encantados! Ah! Como é marcante! *A pequena sereia*, *Os três porquinhos*, *O pequeno polegar*, *Branca de neve*, entre tantos outros, me marcaram bastante, sempre tinha que ouvir de novo e de novo, era incansável. Nessa fase já começava a folhear os livrinhos, quase os rasgava, mas era por puro amor. Uma curiosidade que acho bem legal é que, desde essa época, meus pais já colocavam lápis e gizes em minhas mãos, para que pudesse fazer alguns rabiscos e, assim, introduzir a escrita.

Dos meus três aos quatro anos, foram contadas muitas histórias antes de dormir. Não era qualquer história, eram meus pais que inventavam! Histórias incríveis que queríamos (minha irmã também) ouvir todos os dias a mesma. Chego a me questionar por que as crianças querem sempre coisas repetidas, no meu caso eram as historinhas, em outros casos poderia ser qualquer outra coisa, desde que fosse repetida. Enfim, além das invenções da mamãe e do papai, havia os livrinhos de orações e histórias bíblicas. Orações antes das refeições, antes de dormir e outras, já das histórias bíblicas, infelizmente não me recordo com clareza. Nessa mesma época comecei a ir a uma pré-escola, "maternal 3" era a minha turma, lá eu coloria e brincava, pude ser introduzida em um ambiente escolar. Quando estava com cinco anos, fui introduzida como leitora, ou melhor, comecei a ser uma quase leitora. Meus pais me ensinavam bastante em casa, principalmente o alfabeto e as sílabas. Comecei a frequentar uma outra escola na turma do primeiro período, a professora se chamava tia Ivone, gostava muito dela, pois ela ensinava muita coisa nova. A tarefa de escrever era sempre um prazer, escrever nosso próprio nome era como uma mágica, uma satisfação gigantesca. Quanto à leitura, já não era mais papai e mamãe que liam as histórias para mim, eu é quem as lia para eles (não era lá grandes coisas, mas já era uma leitura compreensível).

Chegando aos seis anos de idade, já havia trocado de escola novamente e estava no segundo período, nessa fase eu fui considerada uma criança bastante inteligente, pois me destacava na leitura se comparada aos coleguinhas de classe. A professora se chamava Sandra, lembro-me de suas aulas com uma certa clareza, pois ela era bastante rigorosa e isso me fazia prestar atenção como nunca. A evolução que

tive na escrita e na leitura foi nítida, me fez criar coragem para continuar lendo e me desafiando cada vez mais.

Passada a fase inicial de alfabetização, comecei o ensino fundamental I em uma escola municipal da minha cidade. No primeiro e segundo ano, o estudo ficava mais aprofundado e sério: dever de casa todos os dias, frequentar a biblioteca toda semana para ler um livro e falar sobre ele, provas etc (na época tudo isso parecia desafiador, mas hoje vejo tudo com tranquilidade). Nesse mesmo período, atingi a idade mínima para adquirir a “carteirinha” da Biblioteca Municipal de Carmo do Cajuru. Eu amava (amo até hoje) aquele local, gostava tanto dos livros que pegava para ler. Eram gibis, livros da Ruth Rocha e outros que apresentavam temática infantil. Minha paixão pela biblioteca municipal não surgiu repentinamente, houve um motivo. A instituição realiza um evento todo ano que se chama “Hora do Conto”, onde uma contadora de histórias narra em uma tarde alguma história infantil. Ficava encantada com as narrativas e, principalmente, com o ambiente, era tudo amável. Na escola, gostava de realizar atividades relacionadas ao livro que tinha lido, fazíamos a ficha literária e tínhamos que escrever um breve resumo do livro. Era tão prazeroso poder colocar no papel meu entendimento sobre as histórias!

Nos anos finais do ensino fundamental I, já estava *expert* na escrita, elaborava frases, textos ficcionais e cheguei começar a escrever um livro, que intitulei *A árvore de José*, porém não me lembro muito bem sobre essa história, joguei o livro fora, pois fiquei com vergonha. Ah, que bobeira! Que arrependimento! Coisa de criança... mas não parei de escrever, pois conheci um novo gênero: poesia. Me encantei com as poesias e escrevi uma em dedicação à minha cidadezinha.

Pois bem, gostei tanto de escrever esse poema que achei que tinha o dom. Inconstância. Não desenvolvi o tal “dom” e depois desse só escrevi mais um, que foi pedido no meu ensino fundamental II, por uma professora de redação.

*Uma descoberta que valeu a pena*² foi a de perceber que livros eram meu fascínio. Cheguei no ensino fundamental II em 2015, com

² Nome de um dos capítulos do livro: *As crônicas de Nárnia* de C.S Lewis.

grande entusiasmo, pois já me considerava uma juvenzinha no colégio. A escola da vez era estadual, dessas que têm fama de terem um ensino de baixa qualidade, mas a minha era muito boa. Me fez crescer e adquirir uma boa base para o ensino médio. Dessa vez, do sexto ao nono ano, tive que me esforçar mais, escrever mais e ler mais. Havia uma prova oral a qual fazíamos, era diferente. Só eu e a professora, frente a frente. Patrícia o nome dela, não me esqueço nunca. Enfim, para a prova oral líamos um livro qualquer, à nossa escolha, e a professora faria perguntas sobre ele. Era difícil, admito, mas gostava bastante, porque me sentia desafiada a ler com cuidado e atenção, reparando nos mínimos detalhes e em como eram escritas as palavras. No oitavo ano, a pedido dessa mesma professora, escrevi mais um poema. Aliás, eu e uma amiga escrevemos. Se chama: "Primeiro olhar", um poemazinho meloso e romântico. Confesso que tenho um pouco de vergonha, por isso não vou expô-lo aqui, mas me orgulhei muito de como ficou, foi uma superação no âmbito da escrita.

No ano de 2017, com treze, catorze anos, entrei para a equipe de liturgia da minha paróquia. Fazia algumas leituras na missa. Comecei lendo as preces e depois passei a fazer a primeira e a segunda leitura. Hoje em dia, vejo que essa ação me ajudou a desenvolver minha experiência com a leitura e principalmente a leitura em público.

O ano de 2018 teve grande importância, que implica no fluxo dessa minha narrativa. Durante as férias de janeiro, frequentei incessantemente a biblioteca municipal. Contei um total de 21 livros lidos entre dezembro de 2017 a janeiro de 2018. Esse foi para mim um marco histórico, eu devorava os livros! Não que eu me orgulhe tanto disso, pois com a visão que tenho hoje preferiria ter lido menos livros, dedicado mais a alguns e até escolhido melhores títulos. Nesse ano eu fiz quinze anos, no meu ensaio fotográfico quis registrar minha paixão por livros que se uniu à minha paixão pela dança.

Também no ano de 2018, fiz inscrição para prestar o vestibular do Cefet-MG. E para a prova, era necessária a leitura de um livro, que foi: *Opisanie Świata*. Comecei a ler com um pouco de preguiça e com o sentimento de estar fazendo apenas por obrigação, mas o livro foi me envolvendo e ficando interessante (afinal, livros têm esse poder). Por

incrível que pareça, consegui “passar na prova” e em 2019 fui estudar em uma instituição federal.

*Uma jornada inesperada*³ vivi no meu primeiro ano do ensino médio. Foi bem difícil, a escola exigia bastante dos alunos, o ensino era muito bom e de alta qualidade. Já começava a treinar para as temíveis redações de vestibular, em especial a do Enem. Lembro que no começo tive muita dificuldade, pois era um novo estilo de escrita e totalmente fora do meu habitual, mas fui adquirindo mais prática e conhecimento. A escrita foi melhorando, mas a leitura foi deixada de lado, eu não administrava bem o meu tempo e isso afetou minha rotina de leitura. Sei que perdia muito tempo com as redes sociais e futilidades virtuais, pois nesse ano tive meu primeiro telefone e fiquei viciada. Se me arrependo? Ah, claro que sim! Mas é “vivendo e aprendendo” mesmo.

*Lá e de volta outra vez*⁴ estava eu, decidida a retornar ao hábito da leitura. No ano de 2020 essa era a meta. E deu certo. Com uma pandemia global acontecendo lá fora, pude ficar em casa e ler. Ler muito, muito mesmo. O ano de 2020 vai ficar marcado para mim como um ano de produtividade literária. De acordo com minhas anotações, foram mais de quarenta livros lidos! Minha estante triplicou a quantidade de livros, ousou chamá-la de minha biblioteca particular. Ainda não está como eu sonho, mas já é um bom começo.

Com a pandemia causada por um vírus misterioso, tivemos que ficar isolados em casa, não podia ir à escola nem à igreja. Grande parte dos estudantes foram afetados por esse motivo. Aulas *online*, síncronas e assíncronas. Foi um grande desafio a enfrentar durante dois anos, principalmente por mim, que gostava de ter contato com as pessoas e conversar pessoalmente. Entretanto, esta fase se encerrou e tive de tomar novas decisões em minha vida. No período pandêmico, prestei o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), para ser admitida em alguma faculdade pública. Nesse exame, sempre temos que escrever uma redação como mencionei mais acima, e por incrível que pareça é a parte que eu mais destaquei. Após sair o resultado das provas, a ansiedade

³ Nome de um dos capítulos do livro: *O hobbit*, de J. R. R. Tolkien.

⁴ Nome alternativo do livro *O hobbit*, sendo esta, uma forma que Bilbo Bolseiro escreve sua própria jornada.

é grande, pois é como se isso definisse meu futuro. E, realmente, pode não definir, mas com certeza influencia.

*O livro do amanhã*⁵ da minha vida nunca terá um desfecho ou conclusão enquanto eu estiver viva, pois não sei o que será do meu amanhã. Nunca imaginei estar onde estou hoje. Tomei decisões complicadas para chegar até aqui. Sair da casa da minha família para morar longe com apenas dezoito anos é uma destas decisões que tomei para escrever mais uma página no meu livro do "agora". Estou seguindo meus estudos na área de Letras, mais especificamente cursando ensino superior em Letras - Português. Ficou bastante explícita a paixão que tenho pelas palavras, pelos livros e pela literatura, então decidi seguir o que gosto para fazer parte do meu futuro. Foi uma decisão repentina, pois nem sempre tive interesse no curso de Letras, mas com o passar do tempo se tornou uma certeza concreta. Nesse momento de faculdade, costumo dizer que está sendo divertido e desafiador, gosto de ser desafiada. Muitas leituras a se fazer e bastantes textos para produzir, porém tudo muito prazeroso. É maravilhoso fazer o que gostamos.

⁵ Nome de um livro da escritora irlandesa Cecelia Ahern.

Memorial acadêmico: a trajetória de alfabetização de uma aluna universitária

Ingrid Lorrane Gonçalves da Silva

A oportunidade de apresentar minha trajetória de alfabetização em um memorial permitiu-me uma reflexão sobre todas as etapas que passei para chegar à universidade hoje. Nasci em Bocaiuva, norte de Minas Gerais, em 14/03/2002, filha mais velha de Rosiane Gonçalves dos Santos e Wesley Christiano da Silva, uma das netas do meio de Maria Cardoso da Silva, e uma das netas mais velhas de Elvira Muniz dos Santos.

Lembro como se fosse ontem o começo do meu processo de alfabetização. Desde pequena sempre fui uma criança curiosa, que gostava de saber sobre coisas que as crianças normais não se perguntavam, como “qual a graça da brincadeira rouba-bandeira? Você simplesmente invade o território de outra pessoa e rouba sua bandeira? Isso não seria considerado invasão territorial?”, “E qual a graça de jogar queimada? Todo mundo sai com raiva ou machucado no final”, e a que mais me entristecia, e será entendida melhor mais à frente, “por qual motivo as crianças fazem *bullying* com as outras? Por qual motivo não aceitam as diferenças?”, perguntas cujas respostas fui compreendendo à medida que fui crescendo.

Comecei minha história com a alfabetização aos dois anos e onze meses, quando entrei no jardim de infância da Escola Municipal Maria das Dores, em Bocaiuva, norte de Minas Gerais, cidade onde morei com meus pais e irmã até meus sete anos de idade. Lá, tive ótimos professores e era considerada uma aluna inteligente e esforçada. Sempre que podia, pegava livrinhos que tinham mais desenhos do que textos na biblioteca

do jardim, e pedia para minha mãe ler para mim. Nessa etapa aprendi a escrever meu nome, ainda que com a letra rabiscada. A pessoa com quem eu mais me simpatizava no jardim era a diretora, a quem chamavam Ficha, e eu a chamava carinhosamente de tia Ficha, pois a mesma me recebia todos os dias com um abraço aconchegante.

Logo após concluir o jardim de infância, entrei no ensino fundamental, o qual estudei na Escola Estadual Doutor Odilon Loures, ainda em Bocaiuva. Tive o primeiro contato com a escrita e a leitura, verdadeiramente, no fundamental. Aprendia o alfabeto com o uso de músicas infantis, que relacionavam letras a palavras, como, por exemplo, a música da Xuxa que dizia “A de amor, B de baixinho, C de coração, D de docinho...”. Fui aprendendo a ler com a junção dessas palavras. Foi um processo novo e difícil para mim, mas tive ajuda da minha mãe e da minha avó Maria, e ainda a ajuda dos próprios professores. Aos sete anos, e na segunda série, meus pais se separaram e me mudei com minha mãe e irmã para Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte.

Entreí então na Escola Estadual Juventina Pinto Brandão, onde estudei até metade do primeiro ano do ensino médio. Lá também tive ótimos professores, mas em especial a professora Lorena, que me deu aula no segundo ano do fundamental, me acolheu e fez uma revisão das matérias que tinha perdido durante meu processo de mudança de cidade. Aprendi a ler um pouco melhor a partir das aulas de leitura que ela apresentava, e a escrever através de palavras que ditava e escrevia no quadro para a turma. Destaco também a professora Fabíola, que me deu aula no quinto ano, e que me ajudava e motivava a estudar e querer sempre ir atrás do conhecimento. Aprendi a ler com excelência a partir das aulas da mesma, pois ela nos indicava livros fáceis de ler e interpretar. A escrita também melhorou com as aulas, pois ela fazia gincanas e brincadeiras de ditar palavras, ou colocar palavras no quadro para que criássemos frases produtivas a partir delas.

A partir do quinto ano do fundamental comecei a sofrer *bullying* por parte dos colegas de sala, por ter os dentes muito afastados. A professora Fabíola notou que eu estava com problemas, mas nunca me perguntou diretamente, e eu nunca pedi ajuda, e nem de nenhum professor ou diretor(a), ficava acanhada, calada, sem nenhum amigo por perto,

pois ninguém queria se juntar a mim e sofrer *bullying* também. Me chamavam de coelho, dentão etc. Já no sexto ano, não só os colegas de sala, que eram praticamente os mesmos do quinto ano, mas alunos de outras turmas também me zoavam, e assim se perdurou até meu primeiro ano do ensino médio. Nunca contei para minha mãe o que sofria na escola, pois ela precisava trabalhar para sustentar a mim e minha irmã, sozinha, e ela não tinha tempo para ir na escola resolver esse tipo de problema, e eu nunca quis preocupá-la mais.

Foram os piores anos de minha vida acadêmica e pessoal. Aos quinze anos, e no primeiro ano do ensino médio, minha mãe se casou com meu padrasto, e nos mudamos para outro bairro de Contagem, e consequentemente me mudei de escola. Estudei na Escola Estadual Professora Lígia Maria de Magalhães, todo o restante do meu primeiro ano. Lá, sofri *bullying* também, foram apelidos muito piores do que os anteriores. O ensino era péssimo, e com minha mudança de bairro, perdi matérias sem as quais, até hoje, não sei como tive capacidade de dar continuidade ao ensino médio sem elas como base.

Em busca de um ensino melhor, procurei outra escola, que também era próxima à minha casa, chamada FUNEC (Fundação de Ensino de Contagem), era uma escola pública com qualidade de ensino das escolas particulares, então pedi minha transferência. Na FUNEC tive um excelente aprendizado e estudei até a conclusão do meu ensino médio. Recebi todo suporte para avançar nos estudos, recebi também cursos profissionalizantes de inglês e redação. Não sofri nenhum tipo de preconceito, e fui recebida com todo amor pelos colegas, professores e principalmente pela diretora, chamada Nilza. Minha professora favorita era a de história, Aline, que me ensinou muito sobre contextos históricos, e coisas das quais eu jamais imaginaria que num passado próximo teriam acontecido; me ensinou também a levar a sério aquilo que queríamos para o futuro, e como os estudos poderiam nos levar longe.

Fui aluna destaque na formatura e recebi medalha de honra ao mérito. Foi no ensino médio que comecei a me apaixonar por leitura, pegava livros na biblioteca para ler, e lia livros também em um aplicativo chamado *Wattpad*, onde há diversos livros de escritores anônimos. Passava horas e às vezes virava a noite lendo livros.

Logo após a conclusão do ensino médio, em 2019, fiz um cursinho preparatório comunitário para o Enem no bairro vizinho, chamado NIC (Núcleo de Incentivo à Cidadania). Fiz o Enem, e passei em música na UNIMONTES (Universidade Estadual de Montes Claros), porém não fiquei no curso, isso porque estava indecisa de qual curso seguir. Fiz o Enem 2020 e passei em administração no IF Neves (Instituto Federal de Ribeirão das Neves). Por estar no EAD devido à pandemia do Corona Vírus, dei continuidade ao curso, porém fiz o Enem novamente em 2021. Em 2022 quando estava no segundo período de administração passei em Letras na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Não pensei duas vezes, encerrei minha matrícula no IF e optei por letras, por amar a área de linguagens, porém ainda estava receosa de não gostar do curso. Chegando ao final do primeiro período, tenho convicção de que esse é o curso que quero seguir carreira.

Ditas todas essas coisas, chego à conclusão de que não foi uma trajetória fácil, porém, um processo de alfabetização proveitoso. Das mudanças de escola tiro para a vida que cada escola tem seu método de ensino, seu modo de tratamento ao educando, e cada uma se difere da outra em relação aos educadores; do *bullying* tiro ensinamentos que meus professores não tiveram, que é a identificação de quando um aluno está sofrendo *bullying*, e a tomada das medidas cabíveis; da alfabetização, a certeza do aprendizado de várias nuances da língua, e com isso a certeza do letramento; além disso, a certeza de um futuro como pessoa e profissional de sucesso.

Você (não) pode parar de sonhar

Michel Jackson da Silva

Como posso dizer... a leitura é algo que eu ainda quero conhecer melhor. Até agora, nos meus inteiros vinte e um anos de vida, dá pra contar nos dedos das mãos quantos livros eu realmente finalizei, mas eu sempre gostei de ler, mesmo que a maioria das obras que li não tenham sido livros.

Quando eu era criança, eu lembro que aprendi a ler com três anos de idade. Eu gostava bastante de ler livros com figurinhas. Tinha um livro em específico, que envolvia várias matérias diferentes (matemática, ciências, português) e eu gostava bastante dele. Com o passar do tempo, eu comecei a gostar de ler livros didáticos, principalmente de ciências. Ciclo da vida, animais, plantas... eu lembro que eu tinha bastante interesse neles, até porque era algo bastante novo para mim naquela época. Lembro-me que entrei na escola com seis anos (estou excluindo os dois anos anteriores onde eu estava na "pré-escola" por não ter lembranças). Para entrar na primeira série, primeiramente tinha que passar por um processo de alfabetização. Mas, bem, eu já sabia ler. Lembro que no primeiro dia de aula eu era o único a responder às questões, por motivos óbvios. Acho que teve uma hora que as professoras se irritaram um pouco e pediram para eu não responder mais (por motivos óbvios). Bem, um tempinho depois, eles me adiantaram um ano. Comecei a estudar a primeira série na Escola Municipal 04 de Outubro. Tenho poucas lembranças da minha professora, mas eu sei que eu gostava bastante dela. Eu era o tipo de aluno que ficava quieto no canto. Por sinal, é algo que eu mantenho até hoje. Pessoalmente, não acho que seja uma qualidade.

Na segunda série, eu lembro que fiquei apenas um semestre na escola, pois o trabalho do meu pai consistia em fazer viagens para fora do estado onde nasci. Não tenho tantas lembranças desse primeiro semestre. Eu e a minha família fomos morar no Rio de Janeiro. Se não me engano, pela segunda vez. A primeira foi em Campos dos Goytacazes, mas a minha mente simplesmente excluiu a memória dessa cidade. A única memória que sobrou era que eu estava na escola chutando a cadeira de uma menina que sentava na minha frente (não me pergunte o motivo), daí ela começou a chorar e eu me senti bastante culpado. Enfim, o destino da segunda ida pro Rio foi a cidade de Itaguaí. Não lembro o nome da escola, mas lembro que o nome da professora era Priscilla. Ou Priscila. De qualquer forma, foi um semestre bem legal. Conhecer outras pessoas, ter novas experiências. Lembro que tive um amigo chamado Matheus e que fui jogar *videogame* na casa dele. Para ser mais específico, jogamos num console japonês. Uma partida de um jogo famoso de futebol (que deu empate) e uma modificação de um, também bastante famoso, jogo de mundo aberto, onde o protagonista era aquele cara que usa cueca por cima da calça. Outra lembrança que tenho é que carioca chama salgadinho de biscoito, não sei por quê.

Na terceira série, eu voltei para a minha cidade natal. Novamente, fiz o primeiro semestre no 04 de Outubro. Novamente, sem lembranças da professora, apenas lembranças de uma paixão que eu tive. Sendo sincero, não era difícil eu me apaixonar, mas essa paixão foi específica, pois era algo recíproco. Quando batem algumas memórias da infância, dá até um calor no peito. Eram tempos bem mais simples. No segundo semestre, eu mudei de escola por preferência dos meus pais. Fui para a Escola Municipal Eudes Gustavo Ferraz de Sá. Ela tinha mais estrutura do que a minha antiga escola, sem contar que era mais próxima da minha casa. Querendo ou não, essas mudanças bruscas de escola afetavam alguns possíveis laços que eu construía na sala de aula, mas não era um problema em questão de notas, leitura ou até mesmo escrita. Muito pelo fato da escola não ser um desafio para mim, naquele ponto. Era tudo muito simples.

A quarta série foi a primeira vez em que eu tive continuidade de semestre. Foi também o ano onde eu tive uma das melhores professoras

da minha vida. O nome dela era Glória. A maneira que ela lidava com a classe, como ela explicava bem as matérias, como ela era doce, mas também tinha pulso forte nos momentos que tinha que ter... bom, devo dizer que deu resultados. No final do ano, a sala inteira foi na casa dela se despedir. Ela era admirada por todo mundo. Praticamente uma “professora Helena” da vida (*Carrossel* fazia sucesso naquela época, creio eu).

No ensino fundamental, da quinta à oitava série, eu estudei na Escola Municipal Francisco Simões de Lima. Foi a primeira vez que eu tive continuidade de turma por mais de dois anos. Fiz uma boa quantidade de amigos, tenho um mínimo contato com alguns até hoje, conheci professores legais e a escola começou a ser algo desafiador nesse tempo. Aliás, durante todos esses anos, pelo que eu me lembro, eu só tinha contato com livros didáticos. Romances, poemas... o único contato que eu tinha com eles eram fragmentos dentro dos próprios livros que a escola disponibilizava, pois, naquele tempo, não tínhamos dinheiro para gastar em livros. Sem contar que a biblioteca da escola nunca estava aberta. No entanto, por mais que a leitura de livros diferentes tenha diminuído, eu gostava de escrever. Desde a primeira série eu tinha um gosto para produzir textos. Obviamente, gostar de escrever e escrever bem são coisas distintas, mas eu lembro que na quarta série houve um concurso estadual de poemas. Lembro que escrevi um poema bem vergonha alheia sobre a cidade e eu passei da primeira fase. Foi necessário escrever outro poema na segunda, mas foi bem ruinzinho, tanto que eu não tive mais notícias do concurso após isso. Os anos de ensino fundamental foram bem interessantes. Eu sempre gostei de futebol e eu podia jogar uma vez por semana, nas aulas de educação física. Como já disse, fiz um grupo particularmente grande de amigos, que com o tempo foi diminuindo um pouco. A gente se zoava bastante (mais eles me zoando e eu rindo). Houve uma época em que me perguntei se era *bullying* ou não. Por um tempo, eu acreditei que era. Hoje? Bem, talvez fosse, mas éramos apenas crianças. Estudei lá até o primeiro semestre de 2014, ano da copa. Lembro que ainda estava na minha cidade natal no dia do 7X1. Eu ri muito. Confesso que não era muito fã da seleção brasileira naquela época.

No segundo semestre, eu fui para o estado do Pará, cidade de Altamira. Mais uma vez, pelo trabalho do meu pai. Não lembro muito

bem do ensino daquela época, assim como não lembro das comidas típicas e do Pará em si. Nunca fui tanto de sair. Sei que paraense gosta de falar “ti”, quase como mineiro gosta de falar “nu”. Lembro de como a minha relação com a leitura não estava boa, muito menos com a escrita. Diferentemente de quando criança, era um ambiente escolar bem diferente de como eu estava acostumado. Nunca pisei na biblioteca de lá, sequer explorei aquele colégio. Não me lembro de tocar num livro sequer naquele semestre, nem no seguinte. Foi tudo muito rápido. Uma das poucas coisas que lembro é de uma interação aleatória com alguns amigos que fiz lá (que, estruturalmente falando, não eram tão diferentes dos amigos que fiz na minha cidade. Eles me zoavam e eu ria de volta... talvez o problema realmente seja comigo?). Eu tinha um celular Java bem pequeno, pois, erroneamente, pedi um celular digital pro meu pai e esqueci de citar que tinha que ser Android. Enfim, os meus amigos estavam jogando um joguinho de sombras lutando e eu, jogando um *port* de um RPG para Java. Então eles começaram a me zoar, já que era um jogo antigo e “feio”. Naquele tempo eu fiquei bem triste, mas hoje... Tipo, você realmente quer comparar um dos maiores JRPG da história com um joguinho de Android que você literalmente não pode jogar? Tipo, sério? Você pode jogar três lutinhas e depois esperar doze horas pra sua energia recarregar? Tu tá realmente querendo comparar?

Bem, com o término do último semestre do ensino fundamental, no ano seguinte eu comecei o ensino médio na Escola Polivalente, ainda no Pará. Foi um tempo onde tive a minha pior performance em Língua Portuguesa e não aprendi nada das outras matérias (mas passei), muito graças ao meu problema de visão que estava começando a aparecer naquela época. Miopia é realmente complicado...

No segundo semestre de 2015, eu retornei para a minha cidade natal, o lugar onde eu terminaria o meu ensino básico.

De 2015 até 2017, estudei na Escola de Referência em Ensino Médio de Jatobá. E, sendo sincero, foi o tempo em que eu menos me importei com a minha vida. Se eu já era “quieto e na minha”, no ensino médio eu consegui ser mais ainda. Não tinha a mínima vontade de interagir com ninguém (o que piorou no terceiro ano). Em contrapartida, foi nesse tempo em que eu ganhei um celular Android e entrei de cara no mundo

da internet. Sendo mais específico, eu amava interagir em grupos de desenho japonês. E foi num grupo específico onde eu conheci uma pessoa que me permitiu ser alguém melhor e ter uma oportunidade que mudou a minha vida (mas não vou dar detalhes). Enfim, o meu interesse pela escola, e até pelo ensino superior, era zero (mas eu me achava inteligente...). Eu não me preocupava em estudar, apenas fazia as provas para passar de ano, também comecei a dormir nas classes... eu não tinha a menor perspectiva sobre o meu futuro. No fim das contas, eu sinto que perdi o meu ensino médio graças ao meu desânimo com o mesmo, e isso custou caro...

Concluí o ensino médio em 2017, mas não quis fazer o Enem naquele ano. Deixei para 2018 e, bem... De 2018 até 2021, eu repeti o Enem quatro vezes! A falta do conhecimento básico, somado com a burrice de não saber como funciona o ingresso para o ensino superior (eu passei na quarta tentativa, mas a primeira tentativa foi onde obtive a melhor nota), junto com a indecisão de não saber o que quer fazer nem onde quer fazer (não há faculdade na minha cidade natal)... Devo dizer que foram anos difíceis, mas que graças a isso eu pude me desenvolver um pouco (bem pouco) mentalmente. No final, como resultado de alguns acontecimentos, eu consegui ingressar na UFMG em 2022. Como? Vou explicar de maneira breve.

Lembra quando eu disse que caí no mundo da internet? Eu conheci uma pessoa, hoje minha namorada, que mora em Belo Horizonte. Éramos um casal apaixonado e iludido, pois eu tinha quinze anos e ela, treze. O tempo foi passando, mas a nossa relação e paixão não diminuiu. Em 2021, tivemos uma pequena crise, pois eu já tinha tentado fazer o Enem três vezes e o meu "trabalho" (ajudava num mercadinho na minha própria casa) não dava dinheiro. Ou seja, nós ainda não tínhamos nos encontrado. Ela me colocou numa saia justa: se não nos encontrássemos até o final de 2021, ela terminaria comigo. Mesmo eu já participando da lista de espera para fazer bacharel em letras na UFMG naquele ano, decidi procurar um trabalho que desse renda, por mínima que fosse. Aliás, decidi ingressar em Letras para desenvolver a minha escrita e leitura. Sempre considerei a escrita como a principal maneira de expressar meus sentimentos, então ela foi crescendo naturalmente em mim ao longo dos anos,

mas por volta de 2020-2021, eu comecei a me interessar por poesia. Fui influenciado pelas obras que lia, desenhos que assistia, jogos que jogava. Mesmo não sendo livros, eles têm roteiro. Uma fase “papel-caneta”.

Enfim, no começo do segundo semestre de 2021, em plena pandemia, consegui um emprego, trabalhando informalmente como atendente de farmácia. Sendo sincero, não era um bom ambiente, e o dono da farmácia não era uma boa pessoa, mas aquele trabalho foi importante para mim, pois além de ser minha primeira experiência num emprego de verdade, também me deu o dinheiro que pude usar para conhecer a minha namorada. Que, por sinal, foi um movimento que me orgulho bastante de ter feito. Como eu já tinha dito, eu estava na lista de espera para entrar na UFMG naquele ano. Em agosto, o resultado veio por *e-mail*: eu passei para a UFMG. Corri como um louco para mandar a documentação necessária, mas aconteceu algo que eu pessoalmente não esperava. Eu tinha que ir para Belo Horizonte fazer a heteroidentificação racial em menos de uma semana. Naquele tempo, eu já estava trabalhando. Cheguei a conversar com a minha mãe, mas ela não queria. O clima estava tenso, a minha relação com a minha mãe estava triste, com a minha namorada então... No final, decidi não entrar na UFMG naquele ano. Ver a minha mãe chorar e passar mal enfraqueceu o meu poder de decisão, que já era fraco. Entretanto, mesmo que não tenha dado certo naquele ano, eu já estava montando um pequeno plano na minha mente. Como já disse, eu conheci minha namorada no final do ano. Como foi com o meu próprio dinheiro, do meu próprio trabalho, não teria discussão com a minha mãe. Eu iria de um jeito ou de outro. Conhecer Belo Horizonte, a família dela, a casa dela. Na volta, levá-la para a minha cidade, apresentar minha família a ela, minha cidade... tudo isso fortaleceu nossos laços e a confiança das nossas famílias em nós mesmos. Com isso, não tinha erro: caso eu conseguisse, novamente, ingressar na UFMG em 2022, eu poderia sim entrar lá. O resultado...

Bem, essa é minha história. Meu nome é Michel Jackson da Silva, nasci e morei por muito tempo em Petrolândia, Pernambuco. Agora, estou em Belo Horizonte, frequentando uma universidade federal... E, durante todo esse tempo, a minha leitura foi para a vala. As minhas obras favoritas são histórias em quadrinho japonesas. Estou tentando bastante mudar isso.

Achados da leitora solitária

Patiele Lorraine Pádua Ferreira

Li algum dia desses que o leitor de romance é um leitor solitário. Eu sou solitária, não só por ler romance, mas em tudo. Lembro de quando tinha uns cinco anos, meu irmão nasceu, o filho mais esperado (homem) e, desde então, tudo sozinha. Minha mãe não trabalhava, ficava em casa com a gente e eu acabei aprendendo coisas básicas, como escrever meu nome, identificar algumas letras, contar até dez etc. em casa mesmo. Brincava sozinha. Até que fui para o maternal. Me lembro do primeiro dia de aula, do cheiro do jardim de infância. Só de lembrar meus olhos ficam marejados. Não lembro de muita coisa, nem o nome da escola, mas lembro que estava sozinha.

No ensino fundamental, fui para uma escola bem longe de casa chamada Cônego Raimundo Trindade, tinha que ir de escolar, eu amava. Gostava muito de dançar, ensaiava para várias apresentações, mas meus pais nunca me levavam nos dias. Lá uma professora disse que eu era inteligente para minha idade, que poderia me avançar de turma, mas como sempre fui muito pequena, meus pais não gostaram da ideia. Durante as férias, eu ficava horas e horas folheando meus livros escolares e em um deles achei "Meus oito anos" de Casimiro de Abreu. "Oh! que saudade que tenho/ Da aurora da minha vida/ Da minha infância querida/ Que os anos não trazem mais!" Lendo esses versos hoje em dia, sinto o mesmo quentinho no coração de quando li pela primeira vez. Como uma criança pode ser nostálgica no auge de sua infância?

Mudei de escola novamente, para uma mais perto de casa. Elisa Buzelin. Um mundo novo em que eu conheci professores incríveis, comecei a dançar *hip-hop*, sofri o primeiro *bullying* e desenvolvi ansiedade. E com a ansiedade vieram as crises de epilepsia e o medo de sair de casa. Após passar os primeiros três anos do ensino fundamental na Elisa, mudei para a escola Carlos Drummond de Andrade para concluir o ensino fundamental. Com o medo de sair e viver lá fora, acabei vivendo outras vidas dentro dos livros. Alguns livros que me marcaram nessa época foram: *Salve-se quem puder*, *A marca de uma lágrima*, *Lira dos vinte anos*, *Peter Pan* e *Tudo por um popstar*.

Lá conheci a professora de português, Katia, que era muito fã de *Harry Potter* e me fez apaixonar por literatura. Ela me mostrou livros incríveis como *Tudo depende de como você vê as coisas* e *Ei, tem alguém aí?* que me ajudou a atravessar o período de luto quando perdi minha avó. Nessa época, tive a oportunidade de estudar a vida e a obra de Carlos Drummond, visitei Itabira, me apaixonei por poesia e comecei a escrever também. Todo ano, íamos para a Bienal na Serraria Souza Pinto e foi lá que descobri os infinitos mundos que poderia visitar. Infelizmente não podia comprar todos, mas meu sonho nessa época era comprar um livro de mil páginas (que eu achava que duraria eternamente tipo *A história sem fim*).

Em 2007, no ensino médio, fui para a escola Santos Dumont. A ansiedade aumentou, queria ser perfeita, pois estava na melhor escola pública da região. Nessa escola, conheci a professora Inês, que me ajudou muito em redação e me aconselhou a fazer Letras na faculdade. No segundo ano, fiquei em terceiro lugar da escola nas olimpíadas de redação. Nesse período eu lia muita fantasia. Li a saga *Senhor dos Anéis*, *Eragon* e reli *Harry Potter* várias vezes. Mesmo estando no ensino médio, não conseguia me enturmar, então me “escondia” nesses livros.

O meu último ano do ensino em 2009 foi muito conturbado. Meus pais se separaram, tive que começar a trabalhar, mudei de colégio por causa do trabalho e quase tomei bomba por causa disso. Nessa época, comecei o *blog* para tentar aliviar o que eu estava sentindo. Postava meus poemas e sobre minha depressão, que ainda não havia sido diagnosticada. Com muito esforço, consegui me formar e passei para Letras

na Universidade Federal de São João Del Rey. Como era muito nova, meus pais não deixaram eu me mudar para lá sozinha. Fiquei muito triste e ainda penso que se eu tivesse ido nessa época, hoje teria uma vida completamente diferente. Pouco tempo depois meu pai faleceu.

Com vinte anos me casei e tive meu filho. Quando ele fez um ano eu consegui bolsa para técnico em Informática pelo PRONATEC e resolvi fazer pelo retorno financeiro rápido. Me apaixonei por programação nessa época, comecei a estudar HTML e CSS, e mudei o foco do *blog*. Não consegui concluir o técnico por conta da depressão que tinha se intensificado. Em 2017 entrei para a faculdade de Sistemas de Informação, consegui um estágio incrível no início de 2019, porém tudo deu errado com o início do governo Bolsonaro. Perdi minha bolsa e o financiamento estudantil, e não pude entrar no estágio. Tive uma crise muito forte de depressão nessa época e eu pensei em desistir de tudo.

Hoje, lembrando de tudo que passei, vejo o quanto fui forte mesmo quando eu achei que não era. Estou orgulhosa de mim por isso e por dar esse exemplo para meu filho não desistir dos sonhos dele. E mesmo passando por tudo isso sozinha, consegui realizar um dos meus maiores sonhos: estou na UFMG!

Memorial

Victória Caroline Soares Silva

Minha mãe conta, desde que me entendo por gente, que comecei a ler e a escrever com quatro anos. Não sei se os fatos dessa história ocorreram exatamente da forma que ela conta, mas irei compartilhar aqui.

Segundo minha mãe, sempre gostei de ler as palavras que apareciam na televisão, nas revistas da Avon e de cumprimentar o William Bonner quando ele começava o Jornal Nacional, nos anos 2000. Sei que minha mãe colaborou bastante para que eu gostasse de ler, pois ela sempre lia a Bíblia comigo, gostava de escrever cartas, copiar letras de músicas em seu caderno e ler os *outdoors* nas ruas. Na época, em 2004, meu pai estudava (se não me engano, no ensino fundamental) e trazia alguns textos da aula para casa. Em um desses dias comuns, minha mãe conta que estava na cozinha, quando cheguei até ela e perguntei se podia ler uma história. Ela respondeu que sim, e disse que pensou que eu fosse inventar algum caso da minha cabeça para contar. Sua surpresa foi tamanha quando comecei a ler precisamente o livro *João não precisa de ninguém* (que hoje, inclusive, descobri quem são os autores: Eliardo e Mary França) e ela percebeu que eu não estava inventando, estava lendo exatamente o que estava escrito. Não me lembro bem da história do João, mas lembro que, desde então, comecei a ler mais e mais livros infanto-juvenis. Nessa mesma época, minha mãe começou a fazer um curso de Computação e, na volta para casa, sempre passava na biblioteca pública de nossa cidade para pegar alguns livros emprestados para que eu lesse. Lembro de ter lido, ainda na infância, alguns livros dos *Teletubbies*, *Turma da Mônica*, *Chico*

Bento e O menino maluquinho. Já na pré-adolescência, comecei a pegar livros na biblioteca da escola e os que mais me marcaram foram *O diário (nem sempre) secreto de Pedro*, de Telma Guimarães Castro Andrade, e *Diário de um banana*, de Jeff Kinney. Esses livros, juntamente com o filme *Diário da Barbie*, me incentivaram a escrever diários (hábito que gostaria de retomar), narrando os acontecimentos conturbados da minha vida de pré-adolescente. A leitura sempre caminhou junto ao gosto pela escrita, mas confesso que, às vezes, a escrita dominava meus afetos. Amava planejar e escrever sinopses dos filmes que encenava com meus brinquedos e, anos mais tarde, tive o privilégio de conhecer o universo das *fanfics* e pude escrever as minhas. Os temas romance, comédia e um pouco de drama (principalmente no contexto escolar) eram os meus favoritos, tanto para ler quanto escrever. Aos dezoito anos, ao ter contato com a poesia de Rupi Kaur e Paulo Leminski, comecei a escrever também, baseando minha escrita na dor e no sofrimento das decepções amorosas que enfrentava, mas também nos afetos e cuidados que me cercavam na época. Tive a oportunidade de recitar alguns desses poemas em um sarau, em Belo Horizonte, e em uma peça da escola de artes Valores de Minas. Essas oportunidades reforçaram ainda mais meu amor pela arte, principalmente pela escrita.

Como nem tudo na vida são flores, recordo também das leituras, não tão bem-sucedidas, dos livros da Coleção Vagalume, como: *Bem-vindos ao Rio*, de Marcos Rey, e *O feijão e o sonho*, de Orígenes Lessa. Lembro-me também de ter criado uma certa resistência aos clássicos do cânone brasileiro, como *Dom Casmurro*, *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Vidas secas*. Esses livros eram interessantes para mim, mas a escrita “difícil” e distante da minha realidade dificultou a leitura. Sinto que não tinha maturidade suficiente para lê-los, mas espero conseguir retornar a eles em breve.

De toda forma, lembrar esses casos da minha infância e adolescência me faz sentir um calorzinho bom no coração e pensar que, mesmo com a correria do dia a dia e o incentivo da sociedade em que vivemos contra o ócio, o melhor lugar para descansar, se conectar com pessoas e seus sentimentos e se inspirar para escrever sobre isso é repousando “nos” livros. Espero conseguir aproveitar bem os meus dias para conseguir desfrutar de leituras, das mais leves até as mais desafiadoras.

Memorial de leituras

Matheus Gomes Guerra

Minha alfabetização foi muito influenciada por ter uma família de professoras. Até mesmo por quem não era professor. Tenho lembranças de quando, ainda muito novo, talvez uns três ou quatro anos de idade, meu avô materno, Juquinha, brincando comigo na areia. Durante essas brincadeiras, muitas vezes, ele pegava um graveto do chão e desenhava números na areia. Foi assim que pela primeira vez associei os números às suas representações. Essas memórias são as mais vívidas que tenho com ele, que faleceu há doze anos. Nunca me esqueci da influência que teve em minha formação. Foi assim que um “não professor” se transformou em um professor na minha vida.

Ao principiar este memorial descrevendo experiências que tive com meu avô, penso sobre diferentes possibilidades de letramento. Pois, ainda que não possuisse diploma de ensino superior, meu avô ajudou em minha alfabetização e letramento.

Início, então, a parte em que as professoras influenciaram na minha alfabetização. Ambas as minhas avós foram professoras do ensino fundamental I, nas palavras de minha vó materna: “da primeira à quarta”. Além delas, minhas tias, por parte de mãe, são formadas em Letras e minha mãe fez magistério. Quando ainda não sabíamos ler, tenho memórias de mãe lendo ou um livro pequeno ou um capítulo de um livro maior por dia. Recordo também que, durante o processo de alfabetização meu e dos meus irmãos, eram colocadas nas paredes sílabas, palavras e letras

que ajudavam no exercício de leitura. Além disso, ajudavam também na alfabetização feita pela escola, que era fortemente reforçada em casa.

Atualmente, quando penso sobre essa época, percebo que minha alfabetização foi muito facilitada pela quantidade de professoras na minha família. Durante os anos seguintes de ensino fundamental, segui lendo continuamente, sem muito vigor, mas nunca parei de ler. As coisas mudaram quando troquei de escola no sexto ano. Lembro perfeitamente de nesse ano, 2016, quando comecei a ler *Jogos vorazes* e não consegui parar até terminar o último livro, *A esperança*. Depois disso, meu hábito de leitura aumentou e comecei a ler mais frequentemente e livros maiores. Lembro também que quando comecei a ler livros sem ilustrações foi um evento em minha vida, pois achei incrível que eu não precisasse mais de desenhos para me deixar interessado pela história.

Depois de muito tempo, me aventurei nos livros em inglês. Lembro que em 2021 comecei por *Heartstopper*, uma *webcomic* disponível no Tapas. No mesmo ano decidi que iria comprar livros físicos e a primeira prosa que li em inglês foi *The Infinite Noise* e, pra minha surpresa, não achei muito difícil. Após essa “iniciação”, comecei a ler bastante em inglês, e atualmente leio e escuto audiolivros em inglês e espanhol com facilidade.

Hoje, enquanto escrevo esse memorial, reflito sobre minha trajetória na leitura e sobre o meu primeiro período da faculdade de Letras. Vejo, portanto, que esse incentivo à leitura e aprendizado de línguas afetou diretamente a escolha do curso de graduação. Reflito, também, sobre a matéria que me fez escrever este texto: Introdução aos Estudos da Linguagem: Língua, Texto e Discurso, e percebo a importância dela em minha vida. Analisando minhas opiniões sobre texto no início do curso e no final vejo mudanças em relação ao que entendo como língua, discurso e texto. Aprofundei muito meus conhecimentos em relação à linguística e, por isso, penso que teve um impacto importantíssimo na minha trajetória em relação à leitura.

Retratos de um colibri: uma vazia cheia de não lembranças

Júlia Gonçalves Lima

Voa furta-cor, voa e beija a flor, voa colibri e pouso leve em meu ar “esquecedor”. Cara avezinha, memória devia de ser intrínseca como seu nomeador. Esqueço-me a cada dia que passa e rememorar perde a graça. Sei que, como seu voo único que em meu olhar perpassa, minha tentativa de lembrança, de ir para trás e para frente, é onde deposito minha esperança. Aves são o que ficou de minha infância. Não vou aqui me ater à mania de rimas de criança, mania daquela que cresceu entre a música e a imagem, mas que se perdeu nos caminhos por falta de própria liderança. Minhas memórias? Não me recordo mais e por muito temi o esquecimento sem entender que ele faz parte da minha vivência. Memórias são para mim tão rápidas passagens quanto o bater de asas de um beija-flor que em sua delicadeza inquieta sempre me atçou. Sei de peças, caro leitor, mas meu quebra-cabeças incompleto de vazios lotados de possibilidades foi o que ficou.

Não sei qual foi minha primeira palavra, não sei qual foi minha primeira letra, só sei que o que esqueço, como dito por um excelentíssimo colega, é ainda meu e por ser meu com ele tudo que quiser fazer dele, eu simplesmente posso. E isso é o que vou tentar nessa jornada de uma desmemoriada que tenta escrever um memorial. Seria cômico o esquecido explicar o que se é importante lembrar, ou apenas um paradoxo de mistério de natureza quase imortal, pois aquilo que se perde na cabeça é na verdade material para construir uma jornada verossímil à maneira da própria crença (ou descrença, cabe aqui pensar, não sei se creio na

verossimilhança que defino nas palavras que vêm do que foi apagado, mas que deixou marcas de herança). Minhas memórias de como comecei a ler o mundo são verdadeiramente confusas. Não sei onde de fato é o início do fio da meada; afinal, ele foi perdido no meu crescimento que guia minha jornada. Me guio por fotos e contados fatos, se são factíveis cabe julgar aquele que ler estes escritos: vivi tendo imagens como verdadeiras companhias. Elas pareciam sempre dizer mais de mim do que as palavras que poderiam caber em minha boca. Acho que me fixei tanto em guardar álbuns que minha cabeça resolveu registrar assim as raras ocasiões que me marcaram, mas não se engane, caro leitor, imagens são enganosas e podem ser facilmente manipuladas e, como aspirante a artista que sou, fiz delas, à minha maneira, o quadro de minha vida.

A primeira foto que guardei nas gavetas bagunçadas de minha mente foi um conto, pelo menos penso ser um. Lembro-me da imagem do livro, lembro-me da menininha pequenina entre coloridas flores que eram maiores que ela. Julgo que algo me chamou a atenção aí. Esqueci o verdadeiro significado que aquilo tinha para mim; então, vou escrever sobre o que quero que tenha sido para uma inocente criança que há muito se perdeu. A história, se invento a lembrança bem, era sobre uma tal de Minguinha. Não sei nada sobre ela, mas me projeto em sua feição, pois, assim como ela, acho que me esqueci de crescer, digo literalmente mesmo, sem figuras inventadas de significados. Ela era do tamanho das gotas de orvalho e delas podia bebericar. Já eu, que ouvi de adultos que teria no mínimo 1,66m de altura, provavelmente conversei com meus ossos e hormônios e com aquele que ouvia minhas dispersas orações e pedi para ser Minguinha também. Infeliz ou felizmente não tenho tamanho de uma joaninha, mas a pequena criança que amava a minúscula personagem provavelmente pularia de alegria ao saber que, mesmo adulta, não passou de 1,55m. Acho que ao ouvir frequentemente a história contada da menininha que vivia num jardim, a pequena eu só sonhava em poder viver tendo flora como casa e fauna como companhia. Realmente acho que a cor da natureza ilustrada me contaminou mais do que as palavras do conto. Tenho na cabeça um nó de ramos de florzinhas roxas que brincavam com loiros fios e isso me basta. Sei que posso ser também alguém como uma flor, sei que pelas cores do meu eu posso

florir no mundo, penso que essa é a leitura que faço de mim mesma, talvez em ler uma imagem de passado e revisitá-la no presente posso anunciar meu potencial de futuro. Tenho um querido amigo amado que me nomeia de lírio, diz ele que combina comigo, uma flor delicada e suave. Não sei se faço tal leitura sobre meu eu atual, mas é com olhos marejados que recebo o apelido. Sei que nele mora o carinho tal qual sentia pela Minguinha das florezinhas, talvez agora com tal nome dado a mim posso finalmente viver em paz sendo parte de um vivo jardim.

A segunda imagem que fotografei para minha jornada de ler a vida foi de uma música específica: “Se a gente grande soubesse”. Não me recordo do autor, mas nesse momento esboço um sorriso, pois percebo que, assim como na memória-foto anterior, eu estabeleço o diálogo sobre a percepção possível de tamanhos de pessoas. Realmente, se as pessoas grandes soubessem a magia que mora nos pequenos frascos talvez não almejassem crescer tanto assim. Sei que a letra da música verdadeiramente se refere aos adultos e não necessariamente à altura das pessoas, mas o esquecimento lembrado e narrado aqui é meu e, como disse antes, o moldarei de acordo com o meu querer. Sei que ela ficou na minha mente, pois sei que neguei fazer o solo dela no coral, cresci cantando e aprendi a ver a vida como letras de músicas. Talvez, por isso, até hoje teimo em colocar um quê de rimas em tudo que tento registrar, talvez pela noção do cantar como sinônimo de vida que me fez sentir paixão pela prática de cantar pessoas, sem intenção alguma de romance tenho que dizer. Acho que a semelhança dos usos do verbo para diferentes práticas ainda ressoa em minha alma. Cantar uma música é para mim despejar sentimentos na poesia da voz e digo-lhe, caro leitor, não há nada mais poético do que usar a voz para brincar com palavras e criar com elas o verdadeiro ritmo de sentimentalismos. Mas percebo que estou divagando muito e me perdi da fotografia sobre a qual contava a história. Vou voltar a ela. Eu era uma das mais antigas do coral e o professor admirava minha capacidade vocal de traduzir as notas da música e sempre pedia que eu cantasse uma parte dela sozinha enquanto o coro cantava o que eu poderia dizer que seriam respostas às proposições da voz principal. Bom, um dia me cansei de ser colocada como a principal, odiava ser o centro das atenções e só queria curtir a música como quem

amava escutá-la ser cantada. Bati o pé e pedi que escolhesse outra pessoa para solar. Acho que foi aí meu primeiro ato como pessoa capaz de decidir sobre a própria vida. Pena que, quando fui crescendo, esqueci um pouco desse lado meu. Acho que foi a primeira vez que li as entrelinhas que moravam na obrigação dada pelo professor que regia o coral. A primeira vez que vi que estar em primeiro plano é cansativo e a primeira vez que decidi fazer parte de um todo e não de um personagem que vive sob a luz dos holofotes. Sobre a letra da canção, recordo-me de algumas partes: “Se a gente grande soubesse/ o que consegue a voz mansa/ como ela cai feito prece/ e vira flor, num coração de criança”. Esses dizeres ressoam sobre mim até hoje. Quando criança, fui à fonoaudióloga por gritar demais, mas não era minha culpa. Eu era criança e um verdadeiro reflexo das relações de casa. Os gritos que ouvi e ainda ouço me moldaram e é por meio das alterações de voz das pessoas que estabeleci parte da minha leitura de falas. Sei o poder do sussurro e da fraqueza do berro que se pode ocorrer e é pela forma como falam comigo que vou tentar as intenções interpretar. “A gente grande, que tira/ o meu brinquedo da mão/ tirou de um músico a lira/ interrompeu a canção”: aí aprendi a verdadeira noção de que aquilo que se tem à mão é real matéria-prima de criação. Não consegui ser música, mas aprendi a usar as palavras que tanto me encantavam nas composições. Recentemente aprendi sobre a lírica e sobre como a poesia nasceu com o acompanhamento musical e que carrega nas rimas, assonâncias e aliterações o verdadeiro ritmo do subjetivo até os dias de hoje. Acho que a criança que habita em mim já sabia disso e me fez amar escrever tanto que poeta um dia pensei ser.

A última foto-memória que minha mente esquecida permite acessar e que de fato penso ter contribuído para minha percepção de leituras desse mundo e dessa vida é simples: uma caixa de papelão lacrada com a etiqueta “vazias”. Acho que me encontrei nessa etiqueta simples. Vou explicar a situação: era dia de mudança dos meus avós de casa e resolvi auxiliar na árdua tarefa de levar as caixas para o caminhão e numa das jornadas de pegar e levar observei minha avó cuidadosamente selecionar vasilhas e colocá-las em uma caixa e, depois de lacrar com fita, ela pegou uma caneta e escreveu num papel: “vazias”, para designar o conteúdo que ali havia. Realmente tal sentido me pegou naquele momento. Refleti

que minha avó, apesar de não ter estudado além da quarta série, carregava numa escrita simples toda a poesia do mundo. Realmente, aqueles objetos da caixa eram “vazias”, pois não recebiam em seu interior qualquer coisa que lhes preenchesse. Vazias eram definitivamente; se tivessem coisas dentro seriam “cheias” e, apesar de vazias de materialidade naquele momento, as vi como repletas de significado. Eu acho que sou tal qual as “vazias”: perco minhas memórias que me preencheriam como indivíduo formado na sociedade, porém, na minha “vaziez”, sou repleta de significados que dou para o meu vazio memorial. Eu posso muito bem me preencher com fotografias sem sentido e montar com elas uma sequência de histórias que me permitem estar completa. Sou uma vazia cheia de não lembranças, sou vazia de memórias reais, porém sou cheia dos significados que dei, dou e ainda darei para as várias imagens marcantes que irei manipular na minha jornada de leitura de mim mesma e do mundo em que habito. Acho que afinal de contas posso ser como o voo do colibri e acessar ao meu gosto e vontade tanto o que há na frente quanto o que há atrás. Mesmo esquecida irei criar retratos para a vida lembrar de mim, viverei a vida assim: como retratos de um colibri.

Memorial

Filipe Penasso Goncalves

Janela. Foi o primeiro “livro” que li. Da minha casa, a paisagem era outra. A janela de madeira, cuja função seria a de abrir suas abas para os dois lados, representando o livro fantástico dos meus sonhos, mantinha um segredo que só eu conseguia decifrar. Foi assim que aprendi a ler, ao primeiro momento, a paisagem que tinha ao meu alcance.

Fui uma criança solitária. O último filho. O último neto. O último de muitas coisas. Contudo, aprendi a colocar a linha de chegada um passo adiante de mim quando passei a ler coisas com o coração. A partir daí, ultrapassei os limites e espantei os mais velhos que me chamavam de “a rapa do tacho”.

A janela da sala de onde morava raramente ficava aberta. Em seu parapeito se projetavam pilhas e pilhas de livros. Centenas de histórias fechadas que estavam ali simplesmente para enfeitar o ambiente. “Que coisa”, pensava eu com a cabeça de menino que sequer sabia juntar as palavras para descobrir seus mistérios.

Via que não podia deixar as coisas assim. Eram livros de todos os tipos, de todas as cores e de todos os tamanhos. Ainda que eu não soubesse ler palavras, sabia apreciar um desenho bem-feito. Comecei minha primeira aventura escalando o sofá até o encosto para apanhar sempre o último título da pilha. Folheava-o e não encontrava nenhuma gravura para me contentar. Uma lástima para mim que possuía o mapa do tesouro e não sabia interpretá-lo.

Vó Zulmira percebeu o que se passava comigo. Foi quando me convidou para ir ao seu quarto. Sentei-me ao seu lado na cama e a ouvi falar coisas preciosas que talvez nenhum outro neto tenha ouvido de sua boca. Disse-me, claramente, que, quando eu me tornasse adulto, todos os seus livros seriam meus. “Sério?”, perguntei-lhe com surpresa nos olhos. E ela confirmou. Ainda completou abrindo a gaveta da cômoda e, retirando de lá uma obra:

— Este é um livro sobre a vida de São Francisco de Assis. Um dos mais especiais que possuo. Gostaria que se lembrasse dele quando ficasse mais velho. Por ora, continue brincando. Ainda não é tempo dessas leituras.

Peguei o livro e pude ver a imagem do santo na capa. Uma gravura! Essa eu podia entender. Muitos animais à sua volta, uma natureza enlaçada pelo céu claro com nuvens graciosas. “Que maravilha, vó!”. E, assim, foram-se as inquietações. Não demorei muito para começar a entender as primeiras palavras.

— Olha só, eu sei ler: O-V-O, e também tem: E-L-E-F-A-N-T-E. Uma é fácil e a outra é difícil.

Aprendi também a assinar meu nome e o nome de minha vó. Achava fantástico o dela começar com a última letra do alfabeto. E ela completava:

— “Z” de zangão e também de Zorro.

— Zangão eu sei que é o marido da abelha, vó — falava-lhe contente —, mas, Zorro?! O que é Zorro?

— É um super-herói, Filipe! — E lá vinha ela com a fita do Zorro alugada para que eu pudesse assistir ao filme. Fazia bolinhos de chuva e leite com Nescau para eu tomar enquanto me surpreendia com uma autêntica aventura.

Nesse contexto, aprendi a ler e a escrever. Passei a desvendar lentamente e com muita dificuldade, um por um, os livros da janela. Comecei fazendo isso com *O sobradinho dos pardais*. O desespero de dona Pardoca em ter seus filhos emparedados no telhado por um homem desavisado de que lá havia um ninho me marcou profundamente. É claro que o livro possuía um final feliz. Era feito para criança como eu àquela

época. Mas, por um instante, pensei nas possibilidades e tudo se misturou em minha mente.

Foi então que percebi que não podia emparedar os meus sonhos. Eu possuía tantos: fosse uma bicicleta ou um novo brinquedo; fosse um passeio ou uma viagem em família. A infância faz tudo ser grandioso. Além disso, sabia que todas as janelas mostravam uma paisagem. A minha, por exemplo, mostrou-me o mundo da literatura.

Certa noite, ouvi um barulho muito alto. Os adultos começaram a conversar nos corredores da casa. Passos para lá e para cá cortavam o meu sono pesado de criança que havia brincado o dia todo. Pela manhã, fui acordado por meu irmão que me disse:

— Vó Zulmira caiu ontem de madrugada. Quebrou a perna. Teve de ser levada para Petrópolis.

Eu tinha sete anos quando li pela primeira vez o sentimento da culpa. Culpa por não ter levantado à noite para ver o que estava acontecendo. Culpa por não ter visto minha vó indo para Petrópolis. Culpa por não ter falado alguma coisa carinhosa a ela no dia anterior. Era aquela a paisagem à minha frente. Dura de ser lida e, todavia, tão real.

Algum tempo depois, fui acordado de novo. Dessa vez, por minha mãe.

— Vó Zulmira morreu! — Foi o que conseguiu me dizer. Não havia mais nada.

A casa, de repente, ficou abarrotada de pessoas. Parentes de todos os lugares começaram a chegar. Uma confusão sem tamanho. Vozes vindas de todos os cômodos compunham o cenário de uma criança que ficava fora do campo de visão da maioria.

Quando vi o caixão, despertei-me para os finais. Aprendi que as histórias terminam. E sem que tivesse lido uma grande obra sequer, acabava de ler àquele instante a obra de uma existência. Marcada pelo amor e pelo desejo de passar o melhor a quem ficasse um pouco mais. Era um adeus e também uma leitura da vida.

Anos depois, peguei o livro que me foi dado e me atentei a uma frase nele presente: "A vida é um ponto entre dois infinitos". Daquele dia em diante, nunca mais abandonei a literatura. Eu estava apenas começando e já tinha experimentado o peso da finitude. Por melhor que fosse

o livro, ele acabaria. Chegaria a hora de pôr o ponto final que carregaria o peso de todos os finais.

Só consegui entender isso porque, muito antes de começar a ler palavras de gênios, li a vida por uma janela que não se abria, pelo relógio que não parava e pelos conselhos de quem havia partido antes de mim. E tudo isso não passava de um entre os muitos pontos finais que eu viria a encarar.

Memorial

Ana Clara Martins da Silva

É provável que muitas pessoas não se lembrem do seu processo de alfabetização. Eu me lembro. Eu tinha cinco anos, estava no primeiro ano do ensino fundamental com a tia Meire (como eu gostava de chamar a minha professora). Recordo-me de que eu havia sido introduzida às letras no ano anterior (no jardim 3, como funcionava na minha escolinha); então, quando chegou a hora de aprender a ler, não foi difícil.

Tia Meire era tão cuidadosa e atenciosa com seus alunos! Certo dia ela começou a chamar cada um individualmente em sua mesa. Eu fiquei extremamente curiosa para saber do que se tratava e não via a hora de chegar a minha vez. Quando finalmente ela me chama, fico animada sem saber o porquê. Ela me coloca em seu colo, e ficamos as duas sentadas em sua mesa. Então, começa a ler algumas palavras num livrinho enquanto seu dedo apontava-as respectivamente.

Depois, ela me pediu para tentar ler. Lembro que engasgava em algumas palavras, mas a tia Meire simplesmente ficava esperando que eu continuasse. Era como se ela dissesse com os olhos que estava tudo bem errar. Depois de alguns minutos, eu já estava lendo sozinha, e depois daquele dia eu nunca mais fui a mesma.

A partir desse período em que aprendi a ler eu queria sair lendo tudo o que podia. Era muito bom poder acompanhar a letra dos hinos na igreja. Elas iam passando no projetor e eu ficava lendo e finalmente cantando as palavras certas. Eu realmente senti que fazia parte daquela comunidade,

daquele corpo, depois disso — e simplesmente pelo fato de conseguir acompanhá-los em um momento tão singelo quanto aquele de adoração.

Um dos primeiros livros que li por mim mesma foi *Menina bonita do laço de fita*. Talvez a capa tenha me atraído, afinal, não havia muitos livros em que a protagonista era café com leite assim como eu. Mas o que eu gostava mesmo na infância eram os livros de historinhas bíblicas que eu ganhava e lia com as outras crianças nos cultinhos. Pensando agora, crescer nesse ambiente estimulou muito meu desenvolvimento na leitura. Era um complemento para tudo aquilo que eu ia aprendendo na escola. E ousou dizer que foi justamente essa constância e diversidade dos conteúdos que me conduziu para onde estou hoje.

Quando eu já estava no quinto ano do ensino fundamental, em uma escola diferente e com uma biblioteca bem maior, peguei um outro livro que foi crucial para mim: *Um girassol na janela*. Eu não me lembro muito da história em si, mas sei que foi o suficiente para começar a frequentar a biblioteca toda semana. E eu fui tanto que me deram uma medalha no final do ano como uma das leitoras mais assíduas. Essa conquista pode ter sido irrelevante para meus irmãos, mas para mim significou muito — tanto que ainda guardo a velha medalha enferrujada.

É até engraçado pensar em mim mesma naquela época, quando nada mais importava para mim e a única preocupação que eu tinha era lembrar de devolver os livros na biblioteca. Era uma leitura calma, sem pressão das pessoas ou de mim mesma. Isso mudou quando comecei a ter leituras obrigatórias no ensino fundamental II. Acho que o simples fato de realizar uma prova a partir da minha leitura fazia com que eu demorasse para ler os livros.

Mas isso não me impediu de continuar explorando esse mundo das letras. Eu sempre fui muito curiosa e amava passar as minhas tardes explorando o quartinho da minha casa. Nele guardávamos todos os livros que não usávamos mais, principalmente os do meu pai. Ele tinha muitos livros de literatura brasileira, alguns didáticos que ele usou no ensino médio e vários dicionários enormes da editora Globo.

Eu ficava fascinada com aquelas velhas páginas amareladas que viviam cheias de poeira e com alguns restos mortais de moscas dentro das folhas. Foi assim que comecei a ler Eça de Queiroz e Graciliano Ramos

antes dos doze anos — é claro que eram histórias bem confusas para mim ainda, mas a minha curiosidade falava mais alto. Eu amava tocar naquelas folhas antigas, observar as diferentes fontes e ver palavras novas para eu buscar o significado no meu mini Aurélio. Era meu *hobby*.

Talvez por ter crescido ouvindo as expectativas dos meus pais para minha carreira e comparando-me com meu irmão mais velho, eu relutei muito em admitir para mim mesma, e depois para o mundo, que eu iria fazer Letras. Mas se eu parar para pensar um pouco mais, não havia outro caminho para mim. Eu sempre fui fascinada pelas aulas de Língua Portuguesa, escrevia constantemente desde os onze anos em meus diários, colecionava livros e gostava de corrigi-los quando percebia erros na edição (sim, eu faço isso até hoje). E mais, nem mesmo com um teste vocacional feito por uma psicóloga eu reconheci isso. Foi preciso alguns anos, muita oração e análise para finalmente escolher Letras.

Hoje me pergunto se eu quero fazer parte do processo de aprendizado de outras crianças e adolescentes como professora deles ou se seguirei uma carreira no mercado editorial. Gostaria mesmo de fazer os dois simplesmente para não precisar escolher. Mas tenho certeza de que vou descobrir isso enquanto caminho.

Ter a capacidade de ler é ampliar a visão do mundo que temos. Sabendo ler por si mesmo, você pode chegar às suas próprias conclusões. Ou seja, entender as letras faz com que possamos, também, entender o próprio mundo e quem nós somos. Eu certamente não saberia quem eu sou ou qual o meu propósito se não lesse isso na Bíblia. E tenho certeza que muitas outras pessoas foram impactadas por leituras como as minhas.

Memorial

Gabriel Lucas Araujo de Jesus

A “palavramundo”, de Paulo Freire, me remete a lembranças que estavam adormecidas em minha memória.

Lembro-me de uma infância conturbada, entre camas de hospitais e temporadas em casa. E justamente por passar boa parte da infância em hospitais, comecei a ter contato com a leitura da palavra. Minha avó-mãe, acompanhante fiel nesses momentos delicados, me incentivava a ler todo tipo de HQs que despertassem meu interesse e entusiasmo. A *Turma da Mônica* era minha preferida na época, e anos mais tarde se transformou na *Turma da Mônica jovem*. Essa era minha maneira favorita de passar o tempo, esquecendo das dores e da realidade que poderia ser pesada demais para uma criança.

Os períodos passados em casa eram pura diversão, rolando no chão com os cachorros e com meu primo-irmão, que até aquele momento era meu único primo mais novo, e também o mais próximo. Andávamos e brincávamos sempre juntos, em casa ou fora dela, e assim crescemos, fazendo nossa leitura do mundo ao redor. Vovó sempre me levava para viagens nas épocas saudáveis da minha vida, e assim conheci o Rio de Janeiro ainda criança. Sempre ficávamos na casa do tio Zé, irmão de minha vó e que já morava lá quando eu nasci. Seu canil era um elemento marcante nessas viagens: eu adorava conhecer todos aqueles cachorros, que variavam a cada nova visita. A tia Célia, sua grande amiga, sempre dividia a casa com ele. Ela me ensinou a jogar paciência com baralhos físicos, antes mesmo dos meus primeiros contatos com os computadores.

Assistíamos a vários filmes e passeávamos pelo Rio, onde ela sempre fazia minhas vontades e deixava minha vó com ciúme. Também fui levado para conhecer Itaoca, no Espírito Santo, e uma praia na Bahia, cujo nome não me recordo.

Além das histórias em quadrinhos e das brincadeiras, os jogos eletrônicos também faziam parte do meu dia a dia. Fui crescendo, ficando mais saudável e aprendendo a conviver cada vez mais com as limitações e vantagens de ser eu. Criado por mulheres e cercado por pessoas mais velhas, eu tinha pouco ou nenhum contato com crianças da mesma idade e sempre tinha os livros, *videogames* e as folhas em branco — onde eu passava horas desenhando e acalmando minha mente — como meus melhores amigos. Na escola eu era um aluno interessado, gostava de aprender coisas novas desde cedo e não era uma daquelas crianças que vivem entrando em confusão.

Curiosamente, meu contato com a literatura fora das HQS só se deu mais tarde, quando eu já fazia a transição da adolescência para a juventude. Meu tio paterno sempre me dava livros, mas eu os guardava sem me aventurar por suas páginas. De alguma forma eu sentia que no futuro me apaixonaria perdidamente pela literatura, e assim eu seguia, guardando todo e qualquer livro que chegasse em minhas mãos. A partir dos dezoito anos essa paixão aconteceu, acompanhada da paixão pela escrita. Comecei a revisitar todos aqueles livros que eu ganhara quando mais novo e descobrir os mundos incríveis que havia dentro deles. Nessa mesma época começou a surgir a vontade de seguir o ofício de escritor, vontade essa que foi crescendo com o passar dos anos e se tornou mais um motivo para cursar Letras.

Todas essas aventuras contribuíram para minha leitura do mundo, ou, nas palavras de Paulo Freire, da “palavramundo”, e me ajudaram a entender desde cedo que cada lugar, cada pessoa e cada época são únicas, e devemos sempre encarar a realidade com a mente aberta, estando atentos ao presente, o único momento em que podemos aproveitar ao máximo o que a vida nos oferece!

Memorial: minha jornada de aprendizagem da leitura da palavra e do mundo

Samuel Sávio Martins Gomes

Ao refletir sobre minha jornada com a leitura, percebo que ela começou cedo em minha vida, embora tenha sido interrompida durante minha fase adulta. Desde muito novo, quando eu já sabia escrever as letras, embora não me recorde exatamente como aprendi, eu tinha o hábito de misturá-las em um papel e pedir para minha mãe ler o que estava escrito. Ela inventava qualquer coisa, pois ali não havia nada além de letras embaralhadas que não formavam palavras. Isso evidenciava minha vontade de me conectar com o mundo das palavras.

Minha mãe percebeu esse desejo e decidiu nos ensinar a ler, tanto a mim quanto à minha irmã, antes mesmo de ingressarmos na escola. Mesmo sendo um ano mais velho que minha irmã, aprendemos juntos. Lembro-me de que, quando entrei na escola aos seis anos de idade, eu era o único aluno que já sabia ler. Na escola pública em que estudava, a professora me fez provar, inclusive à diretora, o que eu já sabia. Foi um momento engraçado, mas também revelador.

Foi na escola que tive meu primeiro contato com livros de verdade, pois em casa não tínhamos recursos financeiros para tê-los. Eu os amava e toda semana pegava um diferente na biblioteca. Lembro-me de alguns títulos marcantes, como *O fantástico mistério de Feiurinha*; *Marcelo, marmelo, martelo*; *A bruxinha atrapalhada*; *Reinações de Narizinho*; *A história do galo Marques* e *Menina bonita do laço de fita*. Esses livros são apenas uma pequena amostra do meu primeiro contato com a leitura,

mas foram extremamente importantes para mim, pois despertaram uma paixão que minha mãe se orgulhava de ver crescer em mim.

Conforme fui crescendo, minhas paixões se expandiram e comecei a ler livros mais adequados à minha idade. Em determinado momento, tive uma fase em que lia livros de autoajuda, pois eles me ajudavam bastante naquele momento da minha vida. No entanto, com o tempo, acabei perdendo o hábito da leitura. Após concluir o ensino médio, comecei a trabalhar e somente após cinco anos decidi iniciar minha jornada na universidade, no curso de Letras.

Nesse momento, percebi o quanto havia perdido no período em que deixei de ler regularmente. Estou reaprendendo a ler, a me concentrar, a estudar e descobrindo novos tipos de leituras que antes não me interessavam, como os clássicos canônicos. Ainda não tenho uma grande afinidade com eles, mas estou ampliando meu repertório literário. No entanto, é importante ressaltar que, mesmo nesse processo de reaprendizagem, meu apreço maior é pela gramática e pela semântica, do que pela leitura em si.

Estou construindo minha jornada de aprendizagem da leitura, da palavra e do mundo. Reconheço que ainda estou em processo, descobrindo novas perspectivas, expandindo meu conhecimento e aprimorando minha habilidade de compreender e interpretar textos. A leitura continua sendo uma ferramenta essencial para o meu crescimento pessoal e acadêmico.

Guardo com carinho as lembranças da minha infância, quando a leitura era um prazer genuíno e uma forma de explorar novos mundos. Estou determinado a resgatar essa paixão e a mergulhar ainda mais fundo no universo literário. Minha jornada com a leitura é um processo contínuo, repleto de descobertas, desafios e conquistas. Estou ansioso para ver onde essa jornada me levará e como irei me desenvolver como leitor ao longo do caminho.

Memorial

Paola Vitor Rodrigues

Minha primeira lembrança da infância é a de chorar no colo de um tio, porque eu não queria sair dos braços da minha mãe. Era o meu aniversário de um ano. É uma das histórias que o meu pai mais gosta de ouvir, mesmo pensando que eu era muito pequena para ter lembranças tão vívidas e supondo que essas “memórias” seriam nada menos que histórias criadas pela minha cabeça, a partir das fotos que cresci vendo dos meus aniversários passados. Minha infância foi feita de histórias, bem antes de eu aprender a lê-las. Não me recordo de um momento tão vívido e único em que toquei ou li o meu primeiro texto. Não me recordo também da primeira história que ouvi ou presenciei em apresentações artísticas.

Minha mãe diz que costumava ler para mim, ainda no útero. Nada, se não um grãozinho que viraria gente. Esse que talvez nem possuísse os mecanismos, físicos ou intelectuais, para decodificar aqueles enredos. Ainda assim ela fazia. “Leidiane das Graças, a mãezinha mais nova da escola. Antes de nascer, sua filha já ouvia de *Senhor dos Anéis* a Freud”. Regada à literatura, crescer foi ver o mundo palpável em forma de letras, a partir do momento que tive contato com elas.

Hoje, em meu armário, eu tenho um livro azul, remendado nas bordas por fita kraft: *Coletânea de contos de fadas*, desses que compramos nas saídas de escolas fundamentais. Foi um dos meus brinquedos mais fiéis quando pequena. Aos três anos, eu não sabia ler o meu nome, mas recitava todas as páginas do primeiro conto, “Os três porquinhos”. Leidiane, aos vinte e três anos, teve que migrar seus gostos literários e

adaptá-los aos da filha que crescia. Passei a ouvir um conto por noite, desde então. Muitas noites eu pedia por “Os três porquinhos”, poucas outras eu me aventurava pelas demais histórias do catálogo. Assim, comecei a escrever a minha jornada com as palavras.

Até os cinco anos, em um apartamentinho cheio de amor e contos, moramos minha mãe e eu. São João Del-Rei era uma cidade linda, mas de poucas companhias para uma criança de três anos. Eu era filha única. Meus maiores amigos eram os meus filmes de animação. Consumir histórias assim foi criar uma nova visão do meu, ainda pequeno, mundo. Saber que palavras poderiam ter sons, cores, gestos que as esclareciam me fascinava. Aos sete anos, minhas maiores paixões eram os musicais. Para mim, era a explosão de tudo que se podia comunicar. Melodia, dança, encenação e, claro, as palavras. Conhecer o cinema foi reescrever a minha jornada com as palavras.

Eu diria que os sete anos foram a intensificação das minhas descobertas. Nessa idade, eu já tinha completado alguns livros de alfabetização, aqueles com letrinhas pontilhadas que se compra em bancas de jornal. Minha mãe os comprava para mim, à medida que me incentivava a ler *Alice no País das Maravilhas*, que seria o meu primeiro livro sem figuras. Eu ainda não tinha confiança na minha palavra escrita, mas, mesmo assim, eu queria um meio de veicular as histórias que já borbulhavam em minha mente, após anos consumindo contos de terceiros. Então, me uni a uma tia, sete meses mais velha: eu recitava e ela escrevia. Criamos duas histórias juntas e ela, em sua pouca paciência de menina, me ensinou a fazer letra cursiva. Entrar na sala da “fase inicial” já sabendo letra cursiva foi um *status* que aproveitei pouco, pois logo a professora me proibiu de usar nas tarefas.

Aos dez anos eu morava com o meu pai, que não era um leitor tão assíduo quanto a minha mãe, mas sempre foi apaixonado por *pop rock* brasileiro. Aender Rodrigues foi um adolescente de muitas críticas e poucos meios para veiculá-las. Achou na música sua forma de comunicação. Se eu volto nas memórias, não me lembro da primeira vez, mas o timbre do violão estava sempre lá. Passávamos minutos o bastante no trânsito para que ele pudesse destrinchar os significados e contextos de uma música que gostava e botava para tocar. Assim, aprendi a ver narrativas

em mais lugares que pareciam estar. Meu mundo se abriu mais uma vez, me experimentei em todos os nichos. Poemas, redações, músicas e me encontrei por completo no teatro. O primeiro roteiro aos onze, e então um por ano até a graduação. Aprender a não só consumir histórias, mas a mostrá-las do meu ponto de vista a outros, foi reescrever a minha jornada com as palavras mais uma vez.

Os quinze anos foram uma nova fase de descoberta. Para muitas culturas eles simbolizavam, e ainda simbolizam, o marco de inserção de uma mulher na sociedade. Para mim, foi a minha inserção na dança. Em meio a figurinos, eventos, apresentações e ensaios conturbados, eu traçava uma nova possibilidade de narrativa. Por meio dos movimentos e ritmo, percebi que construíamos ali toda uma história pautada no não dito. Penso que não só compreendi os sentimentos das palavras que eu escrevia, mas aprendi a senti-los também. Foi uma fase de extroversão e análise do mundo externo, findada pela pandemia, um outro grande marco da minha jornada.

Do fim dos dezessete ao fim dos vinte anos, meu caminho com as palavras foi mais introjetado. Sem meios ou canais de propagação. Apenas eu, cadernos e um teclado com defeito. Coloquei no papel meus personagens, meus enredos e um mundo só meu que me distanciava do mundo tangível caótico. Foi uma nova descoberta, uma nova possibilidade. Reescrevi a minha jornada mais uma vez.

Sinto que a minha história com as palavras está em constante desenvolvimento. Minhas memórias, unidas às experiências, me fazem ver o mundo palpável e o mundo fictício como um sistema de troca perene que é irrigado pelas novas pessoas que encontro e novas possibilidades às quais me abro. Hoje, faço delas minha ferramenta de trabalho. A forma abstrata com que construí o meu caminho no mundo letrado agora me orienta em uma experiência menos lúdica. Textos acadêmicos e materiais didáticos são as minhas companhias de carreira. Na vida adulta, me aventuro em um idioma que não é o meu. Aos vinte e um anos, utilizo das palavras para criar materiais didáticos para um curso *online* de inglês para crianças e adolescentes de quatro a catorze anos. Uma definição grande que ainda não traduz minha função com precisão.

Apesar da incógnita para um título que me defina, vejo no meu cotidiano todas as letras que colecionei. A jornada até aqui tem sido curiosa. Me entristece apenas que não haja vida o bastante para, como Paola Vitor, experimentar todas as possibilidades de palavras e narrativas que me cercam.

Memorial de leitura

Giovanna Julia Alves Melo

Aos seis anos comecei a ler sozinha. O hábito de leitura sempre foi incentivado na minha casa por toda minha família: meu avô sempre trazia gibis para mim quando chegava do trabalho, nos meus aniversários sempre ganhava livros infantis de presente, e minha mãe sempre me contava histórias quando criança.

Uma das minhas maiores paixões na infância eram livros de contos de fadas com CDs. Os livros eram e são meus melhores amigos, já que não tinha muitos colegas na escola e meus pais trabalhavam durante a tarde. A alegria e o conforto que os livros trazem para as pessoas são sentimentos incríveis, pois nos fazem viajar para todos os lugares possíveis sem precisar sair de verdade e nos transformam em seres humanos mais sensíveis e criativos.

A leitura me proporcionou escolher um curso em um momento quando estava perdida por não conseguir fazer o que queria inicialmente. Me sinto feliz e confortável com os livros desde nova, meu momento de alegria era quando chegava em casa depois da escola e pegava meus gibis da *Turma da Mônica* para ler. Consegui falar bem cedo e adorava as aulas de leitura. Minha escola tinha um projeto onde levávamos um livro para casa com um ursinho de pelúcia para lermos para ele, quando chegava meu dia, ficava super feliz e levava ele para todos os lugares que ia com meus pais e contava várias histórias além das que a professora mandava.

Lembro do primeiro livro sem figuras que eu li, por volta dos sete ou oito anos. A minha primeira leitura foi *O Pequeno Príncipe* e por muitos anos se tornou meu livro favorito, depois foi *Alice no País das Maravilhas* e *Pollyanna*. No ensino fundamental, passava todos os meus momentos livres na biblioteca da escola, não era muito grande e nem tinha muitos livros, mas mesmo assim era um ambiente que eu gostava e sempre pegava empréstimos. Um dos livros que mais me marcou naquele momento foi *Quando tudo muda* da Regina Drummond e da Shirley Souza que contava a história de uma garota, Vanessa, que muda para a Alemanha e precisa passar por muitos conflitos, problemas com o idioma e perder seus amigos. Foi uma história que me marcou bastante por estar passando por conflitos na época e me identificar com a personagem.

No fim, um começo

Welt

Assim como acordar de um sonho sem recordação dos eventos, essa é a sensação que eu tenho de como eu aprendi a falar, ler e escrever. Embora o começo dessa jornada vá ficar eternamente na obscuridade, daquele ponto em diante as memórias são tão vívidas como o primeiro dia. O ponto que marca o começo do meu interesse pela língua foi no quinto ano do ensino fundamental, em uma escola particular de Goiânia. Em uma das paredes da sala de aula, ficava uma estante de livros, que não tinha livros e sim HQs, predominando as histórias da *Turma da Mônica*. Todos os dias, nos intervalos, era possível me encontrar lendo uma nova história, até que, por um simples capricho meu ou do “destino”, meu pequeno “eu” decidiu escrever sua própria história em quadrinhos. Meus colegas de sala e amigos começaram a ler minhas histórias, outros decidiram escrever suas próprias aventuras.

Quando fiz sete anos, minha educação da língua inglesa começou. Nada de especial aconteceu nesse período, apenas uma facilidade de compreensão para o idioma. Do sexto ano ao nono, lentamente comecei a perder interesse pela língua portuguesa, entre aulas de memorização de uma gramática rígida e outras de exaltação pátria da língua. E, do outro lado, minhas aulas de inglês, explorando um novo idioma, aulas mais flexíveis, com menos decoração de conceitos. Foi nesse momento em que troquei o português pelo inglês. Refletindo sobre esse tempo longínquo, mas tão recente, ter um outro idioma para explorar foi o que preservou

minha vontade de ler e escrever, inconscientemente despertando o prazer em explorar os idiomas de forma mais aprofundada, menos mecânica.

Por fim, o terceiro ano do ensino médio. Completei o ensino médio em escola pública, e as aulas de português, apenas português, sem produção textual ou literatura, foram uma grande decepção. Concluí o ensino médio seguindo os movimentos da correnteza, enquanto no meu tempo livre dava início a diversos projetos, a fim de compensar o atrofiamento da língua nativa, pelo desuso, tentando aperfeiçoar a escrita e imergindo ainda mais no mundo dos livros. Um pouco desafiador e nem todos os maus hábitos foram corrigidos.

Agora encerrando o primeiro semestre na UFMG, fico feliz em ter escolhido o curso de Letras, entre uma nova perspectiva do idioma e pessoas com personalidades coloridas. Aquele pequeno capricho de uma criança, que amava sonhar, foi apenas uma peça em jogo que durou dezesseis anos para chegar nesse momento. Quando uma história está para acabar, sempre nos lembramos do seu começo, assim como o passado.

Memorial

Samantha Amorim Cota

Sempre tive um grande interesse pela leitura e literatura. Antes mesmo de ser alfabetizada, já folheava os livros de meu avô Zé e as antigas revistinhas da Marvel do meu pai, demonstrando desde cedo um grande interesse pelo mundo dos livros. Lembro-me bem de um dia que saí com meu avô para ir no mercado de Matozinhos, a pequena cidade em que nasci e moro até hoje, e logo fui correndo para a pequena estante que sempre continha livros e os quadrinhos da *Turma da Mônica* para escolher um novo para a minha coleção. Seu Antônio, o atendente do mercado, ficou impressionado com minha curiosidade pelos livros, e falou comigo: “Todas as crianças que eu vejo aqui vão correndo para as seções de guloseima, mas você é a única que sempre vi correndo para escolher um livro. Você é muito inteligente e tem um brilhante futuro pela frente.”

Finalmente, aos cinco anos de idade, aprendi a ler. Estava no primeiro ano do ensino fundamental, na sala da querida tia Bernadete, que desde o começo do ano prometia que aprenderíamos a ler e escrever. Eu não conseguia disfarçar a minha felicidade ao ouvir aquilo. Não me lembro muito bem de como foi esse processo, mas recordo que fui a primeira da turma que aprendeu a ler. Naquela fatídica sexta-feira, quando minha mãe foi me buscar na escola, eu a abracei e contei: “Eu consegui, mamãe! Agora eu sei ler direitinho”. Naquele momento, eu era a criança mais feliz do mundo, pois finalmente entenderia o significado das letrinhas nos balões das minhas revistas da *Turma da Mônica* e o quanto elas

iriam complementar as histórias que eu antes apenas adivinhava pela sequência de desenhos das personagens.

Na semana seguinte, fui até a tia Bernadete e perguntei se iria aprender a escrever, já que finalmente tinha aprendido a ler, mas o que ela me falou decepcionou-me profundamente: “Samanthinha, querida, você precisa esperar o resto de seus coleguinhas aprenderem a ler, eles ainda não conseguiram. Quando todos aprenderem, aí sim ensinarei todos vocês a escreverem.” Lembro-me de ter ficado extremamente chateada, sem entender por que eu tinha que esperar o ritmo dos outros e também sem compreender como eles não conseguiam aprender algo que para mim foi tão simples. Depois de alguns dias, todos da sala finalmente aprenderam a ler, e então finalmente chegou o dia de aprender a escrever. Novamente, foi uma tarefa fácil para mim, e senti-me realizada e como uma aventureira, que aos poucos ia conhecendo e desbravando o mundo. A partir de então, meu amor pelos livros e pela escrita só aumentou. Esse amor se tornou tão grande que comecei a escrever pequenas histórias e livros, e fazia questão de colocar nos créditos de autora o meu nome completo: “Samantha Amorim Cota”. Meu pai, ao ver meus livros, todos escritos e ilustrados em folhas A4, fazia questão de tirar várias cópias para que o resto de minha família pudesse ler.

Com o passar dos anos, encontrei na leitura uma grande amiga e aliada. Sempre fui uma pessoa tímida e nunca tive muitos amigos, mas, ao ler, eu era transportada para o mundo da minha imaginação. Na biblioteca da minha escola eu encontrava o paraíso. Sentava-me no confortável tapete, no meio das almofadas, e assim embarcava nas mais variadas aventuras, através dos livros de romance, ficção científica e de poesia, que veio a se tornar um dos meus gêneros favoritos. Meu amor pela poesia se tornou tão grande que, no sexto ano do ensino fundamental fui convidada pela direção da escola a declamar uma poesia no Sarau Literário, evento tradicional da escola, reservado apenas para alunos a partir do nono ano. Escolhi um poema de livro de poesia de Cecília Meireles que era da minha tia-avó, e apesar de nunca a ter conhecido pessoalmente, sinto que, através de seu antigo livro e suas anotações e marcações sobre os poemas, conheci um pouco de sua personalidade.

A participação no sarau foi um sucesso, tanto que fui convidada para participar nas edições dos anos seguintes, e em 2016 acabei chamando atenção de uma autora matozinhense que iria publicar seu primeiro livro de poesias. Fui convidada por ela a participar do lançamento do seu livro em Belo Horizonte. Teria que escolher um de seus poemas e declamá-lo na frente de milhares de pessoas. Apesar de estar muito nervosa no dia, venci a minha timidez e declamei o poema da melhor forma que podia, transmitindo toda a emoção que o poema continha. A declamação foi um sucesso, ganhei elogios de todos presentes, e principalmente da autora, que agradeço até hoje por essa oportunidade incrível que me fez vencer um pouco da minha timidez e a me tornar uma pessoa mais confiante.

Eu não imaginava onde o meu amor pela leitura e escrita me levaria. Ele me levou a fantasiar sobre esse e outros mundos, me levou a vencer a minha timidez e os meus medos internos e, principalmente, me levou a ingressar no curso de Letras na UFMG. E é por isso que à escrita e à leitura eu devo tudo de mim.

As cores da leitura

Ana Vitória de Brito Souza

Voltar às memórias mais antigas foi uma tarefa um tanto quanto árdua porque pouco me recordo de momentos completos. Exercitando a mente, tudo o que consegui lembrar claramente foram momentos específicos que, mesmo sendo curtos, não impediram que a nostalgia invadissem e a sensação saudosa de estar vivenciando todos os momentos novamente preenchesse o coração. Dentre os fragmentos de lembranças que me vieram à mente, o ponto em comum entre elas são as cores sempre presentes. Foi me recordando, então, das cores vibrantes que as memórias vieram à tona. Em todos os livros as capas coloridas eram o que chamava atenção, era o que me fazia abri-los e descobrir as histórias que ali existiam.

Por isso me lembro com tanta vivacidade da coletânea de histórias que ganhei. Não me recordo exatamente dos títulos, sequer dos autores, mas me lembro verdadeiramente das cores. O livro com um tom de rosa-chiclete inconfundível falava sobre sereias e chuva, o livro de cor azul-escura tinha estrelas douradas na capa, pois era esse seu tema principal — se não me falha a memória, era de poesias, acredito que o meu primeiro contato com o estilo. Havia também o livro da capa de cor amarela, que tratava sobre futebol, um garoto negro que sonhava em se tornar jogador profissional. As folhas eram brancas e me recordo bem do contraste do tom branco claríssimo com as letras pretas, o que ficou gravado na mente. Lembro-me da formatação das palavras, das formas

como estavam dispostas e arrisco até a dizer que me lembro da fonte usada na impressão.

Buscando mais lembranças, seguindo esse padrão de cores e palavras, me lembrei das folhas tão frágeis das histórias em quadrinhos perto das minhas mãos agitadas, que, ao passar as páginas, sempre acabavam rasgando as bordas de algumas folhas. Era quase uma tradição. Nessas folhas meio amareladas também encontrei cores, cores tão alegres e que caracterizavam unicamente os meus personagens favoritos: o vermelho da Mônica, o verde do Cebolinha, o amarelo da Magali, cores únicas que me acompanharam por muitos anos, até saber de cor praticamente todas as palavras. Imagine então a minha felicidade quando, um pouco mais velha, em uma fila de supermercado, encontrei a versão jovem da *Turma da Mônica*! Foi como me reencontrar com a minha versão criança, perceber que meus personagens favoritos, assim como eu, haviam crescido, mas em essência continuavam iguais.

Por fim, o mais cativante neste exercício foi recordar com tanto carinho os livros que de certa forma me trouxeram até o momento presente. Foi um passeio especial lembrar de tudo que já me encantou e, para ser honesta, ainda me encanta profundamente.

Memorial

Angelina Solange Silva de Oliveira

Nasci no dia dois de maio, no ano de 1979, no hospital Felício Rocho, que está localizado na avenida do Contorno, na cidade de Belo Horizonte (BH). Meu pai, Geso Eustáquio de Oliveira (falecido em 1994), veio da cidade de Cláudio, e minha mãe, Maria do Socorro de Oliveira, da cidade de Timóteo. Ambos vieram de cidades do interior do estado de Minas Gerais, Brasil. Meus pais tinham concluído apenas o primário (da primeira à quarta série do ensino fundamental), porque foi ao que tiveram acesso na época. Assim como muitos mineiros, meus pais emigraram do interior rumo à grande BH, com pouca escolaridade, mas com um grande “sonho”: tornarem-se pessoas prósperas. Mas eles acabaram encontrando uma outra realidade, que era algo bem distante do que sonharam.

Meus pais se conheceram durante a “luta para sobreviver na grande BH” e acabaram constituindo família. Aqui permaneceram com a esperança de que pelo menos seus quatro filhos pudessem ter um futuro melhor. Sou uma de suas filhas e irei contar um pouco sobre a minha trajetória de vida que, com toda certeza, está ligada à minha “leitura do mundo”¹ e à escola.

Lembro-me de que aos seis anos de idade morava em uma comunidade. Os barracões eram muito próximos um do outro, por isso algumas vezes podia ouvir as discussões das famílias vizinhas e em outros

¹ FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

momentos presenciava as discussões que ocorriam entre meus pais. Mas no meio de tanta turbulência encontrei um refúgio no barranco de terra que havia ao lado do nosso barracão. Ali eu cavava buracos e fazia pequenos apartamentos mobiliados com sofás, camas, entre vários outros móveis construídos com a argila que retirava do barranco. Todos os dias ficava ali brincando durante horas. Eram os melhores momentos da minha infância, porque naquele refúgio no barranco eu tinha sossego, um apartamento só meu e mobiliado com tudo que precisava. A minha “leitura do mundo”² estava sendo realizada: de um lado a realidade difícil de se “desenhar” e do outro o prazer do brincar de sonhar.

Aos sete anos de idade tive que abrir mão das muitas horas do brincar para ir até a escola aprender a escrever, a ler e ter outras vivências, incluindo novas brincadeiras. Entre os anos de 1987 e 1989, estudei na Escola Estadual José Rodrigues Betim, que era localizada no bairro Petrolina, na cidade de Betim, no estado de Minas Gerais. A escola fazia parte da zona rural. Lembro que tinha que caminhar muito com os meus irmãos em uma longa estrada de terra para chegar até a escola. Teve uma vez que tivemos que ficar parados na estrada aguardando uma grande cobra atravessá-la.

A escola tinha um portão e era cercada com arame liso, mas as professoras tinham total liberdade de levar os alunos para fora da escola, sem precisar pedir autorização para os pais. Ao lado da escola havia uma igreja católica que tinha um grande terreno com gramado. Nesse espaço as professoras organizavam brincadeiras de roda e rouba bandeira, e os moradores da região comemoravam a festa junina com grandes fogueiras. Gostava muito de participar e vivenciar esses dois eventos, porque eles eram significativos para mim, me davam a sensação de prazer e alegria.

Dessa escola eu realmente tenho muitas lembranças. Nela também vivenciei momentos de estranheza, quando percebia que uns eram tratados de forma melhor do que os outros. Não sabia classificar os sentimentos que surgiam, mas eles me incomodavam. Com o tempo fui aprendendo as palavras mais adequadas para descrevê-los. Percebi que

² FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

admiramos a beleza física e desprezamos os que não se encaixam nela, e que existe jogo de interesse entre as pessoas, por isso algumas recebem um tratamento diferenciado do outro. A escola é um dos melhores lugares para socializar e aprender sobre as diferenças, mas “ela” também nos ensina sobre o preconceito, que às vezes parte dela mesma.

Lembro-me que quando tinha dez anos de idade (entre os anos de 1990-1991) nos mudamos para a cidade de Contagem e fomos morar no bairro Canadá. Naquela mesma época iria inaugurar a Escola Municipal José Lucas Filho, no bairro Fonte Grande, que era um bairro de classe média e ficava próximo de onde estávamos morando. Minha mãe teve que dormir uma noite em uma fila que foi feita na porta da escola, para garantir vagas de matrículas para mim e meus irmãos. Mas todo esforço que ela fez valeu muito a pena, porque a escola era excelente: tínhamos aula de Inglês, Educação Física separada por gênero, feira com comidas típicas, entre outros eventos de que eu gostava de participar. Muitos professores tinham cursado pós-graduação em outros países, porque naquela época não havia essa grande oferta de cursos de pós-graduação no Brasil, como temos atualmente, assim eles eram bem capacitados para exercerem a profissão docente.

Lembro-me do professor Hélio que nos ensinava a língua inglesa por meio de músicas dos Beatles, porque ele era um grande fã da banda. O professor Bolívar ministrava aula de matemática de forma que era praticamente impossível não aprender. O professor Sinéder ministrava aula de língua portuguesa. Ele era um homem muito culto e elegante, por isso o admirava. Com toda certeza essa foi a melhor escola onde estudei durante toda minha trajetória na educação básica. Alguns dos professores ainda hoje continuam sendo referências para mim, outros não. Estudei nela apenas a quinta série, porque depois nos mudamos para a cidade de Ibirité, onde fui estudar em uma escola estadual com uma infraestrutura e realidade totalmente diferentes.

Essa vivência com família, lugares, brincadeiras, escolas, escrita, leitura etc., fez com que o meu processo de aprendizagem da leitura da palavra e do mundo se ampliassem. Uma vivência me levou a outra, e nessa caminhada a minha ambição de aprender algo novo e necessário me trouxe até o caminho das letras. Atualmente estou cursando

bacharelado em Letras na Universidade Federal de Minas Gerais, porque não necessito mais construir móveis de argila como na infância, mas agora quero aprender a construir novos sonhos com as palavras.

Sobre os autores

Ana Clara Martins da Silva é graduanda na Faculdade de Letras da UFMG.

Ana Vitória de Brito Souza é graduanda na Faculdade de Letras da UFMG.

Angelina Solange Silva de Oliveira é graduanda na Faculdade de Letras da UFMG.

Belle Andrade é graduanda na Faculdade de Letras da UFMG.

Carlo Frederico de Souza Ferrara Marcolino é graduando na Faculdade de Letras da UFMG.

Cassiano Ambrozio Costa é graduando na Faculdade de Letras da UFMG.

Daniervelin Renata Marques Pereira é professora da Faculdade de Letras da UFMG. Doutora em Letras pela USP.

Dominique Alves Damacena é graduanda na Faculdade de Letras da UFMG.

Filipe Penasso Goncalves é graduando na Faculdade de Letras da UFMG.

Gabriel Lucas Araujo de Jesus é graduando na Faculdade de Letras da UFMG.

Geisa Batista é professora da Faculdade de Letras da UFMG. Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG.

Giovanna Julia Alves Melo é graduanda na Faculdade de Letras da UFMG.

Iago Oliveira Ramos Borges Baptista é graduando na Faculdade de Letras da UFMG.

Ingrid Lorrane Gonçalves da Silva é graduando na Faculdade de Letras da UFMG.

Júlia Gonçalves Lima é graduanda na Faculdade de Letras da UFMG.

Lara Luiza de Oliveira é graduanda na Faculdade de Letras da UFMG.

Mariana Evangelista Soares é graduanda na Faculdade de Letras da UFMG.

Mariliz Vasconcelos de Souza Cordeiro é graduanda na Faculdade de Letras da UFMG.

Matheus Gomes Guerra é graduando na Faculdade de Letras da UFMG.

Michel Jackson da Silva é graduando na Faculdade de Letras da UFMG.

Millene Gonzaga Bello é graduanda na Faculdade de Letras da UFMG.

Paola Vitor Rodrigues é graduanda na Faculdade de Letras da UFMG.

Patiele Lorraine Pádua Ferreira é graduanda na Faculdade de Letras da UFMG.

Paulo Ronaldo Cordeiro Moreira é graduando na Faculdade de Letras da UFMG.

Samantha Amorim Cota é graduanda na Faculdade de Letras da UFMG.

Samuel Sávio Martins Gomes é graduando na Faculdade de Letras da UFMG.

Victória Caroline Soares Silva é graduanda na Faculdade de Letras da UFMG.

Yuri Ferreira Fonseca é graduando na Faculdade de Letras da UFMG.

M533 Memória de leituras II / Organizadoras: Camerleoni Pereira, Geisa
Rafaela. – Belo Horizonte : Faculdade de Letras da UFMG, 2024.
112 p. – (Viva Voz)

Vários autores.

Inclui referências.

ISBN: 978-65-87237-78-7 (digital)

ISBN: 978-65-87237-77-0 (impresso)

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Leitura. 3. Letramento.
I. Pereira, Camerleoni Renata Marques. II. Dalata, Geisa Mara. III.
Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV.
Título. V. Série.

CDD : 469.07



Publicações Viva Voz

Memorial de leituras

Daniervelin Pereira (org.)

Isadora Andreia Lotti (org.)

Mariana Sá Bertolacini (org.)

Rosilene Saar Xavier (org.)

Sara Rezende de Souza (org.)

Linguagem, trabalho, educação e cultura

Antônio Augusto Moreira de Faria

Denise dos Santos Gonçalves

Maria Juliana Horta Soares

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em
versão eletrônica no *site*: www.labeled-letras-ufmg.com.br

As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da Fale/UFMG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários - supervisionados por docentes da área de Edição.

A presente edição foi impressa pela Imprensa Universitária UFMG em sistema digital, papel reciclado 90 g/m² (miolo). Composta em caracteres Verdana, acabamento em kraft 420 g/m² (capa) e costura artesanal com cordão encerado.

